

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



UMA AVENTURA NA **SERRA** **CATARINENSE**

Ensino Fundamental I - 3º ao 5º ano

REALIZAÇÃO



CISAMA
Consórcio Intermunicipal
Serra Catarinense



Fecomércio
Sesc



GOVERNO DE
SANTA
CATARINA



ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO SERRANA



SERRA
CATARINENSE

APOIOS INSTITUCIONAL



GOVERNO DE

**SANTA
CATARINA**

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO



UMA AVENTURA NA
SERRA
CATARINENSE







S474u Senac Santa Catarina. Unidade Lages.

Uma aventura na Serra Catarinense / Senac Santa Catarina.
Unidade Lages, Cisama – Consórcio Intermunicipal Serra
Catarinense; organizado por Fabiana Roeder. - Lages: Senac
Lages, 2025.

100 p.: il. color.
ISBN 978-85-67932-15-6

1. Serra Catarinense. 2. Turismo. 3. Turismo - Santa Catarina.
I. Roeder, Fabiana (org.). II. Cisama – Consórcio Intermunicipal
Serra Catarinense. III. Título.

CDD: 338.4791098164

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Marcelo Cavaglieri CRB 14/1094

Esta publicação não pode ser comercializada







Esta cartilha foi desenvolvida por meio de workshops promovidos pelo SENAC, em parceria com a AMURES e o CISAMA, no âmbito do programa CONHECENDO A SERRA CATARINENSE: UMA JORNADA EDUCATIVA. O material é fruto de um processo de cocriação ativa, envolvendo representantes dos municípios participantes e especialistas da área. A seleção dos temas abordados foi realizada com critérios rigorosos, garantindo alinhamento com os objetivos do projeto e relevância para a educação dos alunos sobre cultura e turismo sustentável na região. Durante todas as etapas de desenvolvimento, o comitê gestor acompanhou e avaliou os conteúdos, assegurando a qualidade e a fidelidade das informações apresentadas. Ao longo das páginas, você será convidado a explorar as riquezas da Serra Catarinense, conhecendo sua história, tradições e belezas naturais. Por meio de textos, ilustrações e curiosidades, esta cartilha busca despertar a sua curiosidade e ampliar o conhecimento sobre a importância do turismo sustentável e da valorização do patrimônio cultural e ambiental da nossa região.

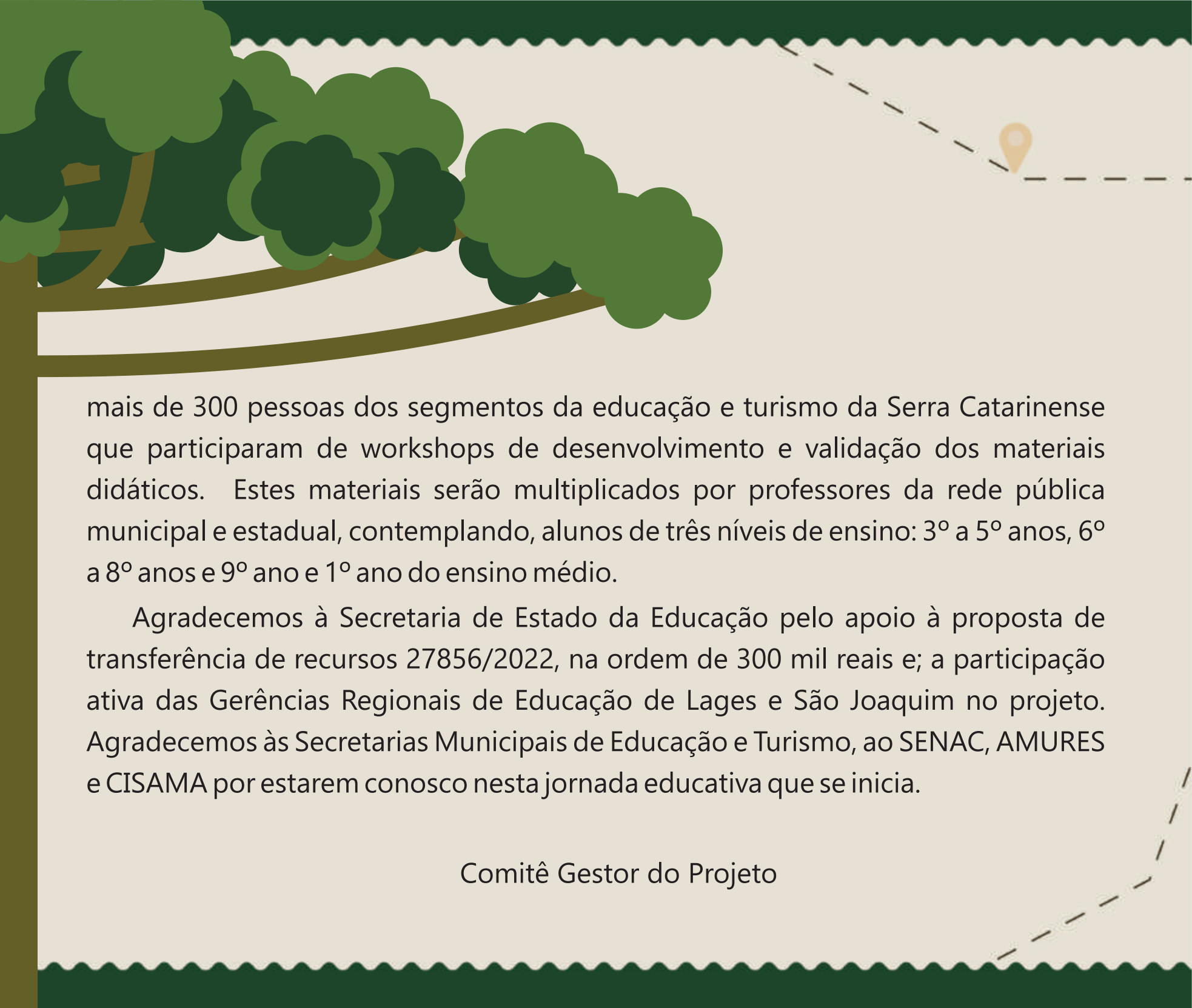


APRESENTAÇÃO

O projeto “Conhecendo a Serra Catarinense: Uma jornada Educativa” tem por objetivo sensibilizar a sociedade em relação aos benefícios e perspectivas do desenvolvimento sustentável da atividade turística na Serra Catarinense. Faz parte do Programa Educação Municipal desenvolvido pelas Secretarias Municipais de Educação e coordenado pelo Consórcio Intermunicipal Serra Catarinense – CISAMA.

Identificar, registrar e desenvolver de forma colaborativa conteúdo sobre o turismo, sustentabilidade e o patrimônio histórico-cultural dos 18 Municípios da Serra Catarinense foi a tarefa que o SENAC assumiu em parceria com as Secretarias Municipais de Educação e Secretarias de Turismo da AMURES.

A produção desta cartilha de forma física e digital, contou com a colaboração de



mais de 300 pessoas dos segmentos da educação e turismo da Serra Catarinense que participaram de workshops de desenvolvimento e validação dos materiais didáticos. Estes materiais serão multiplicados por professores da rede pública municipal e estadual, contemplando, alunos de três níveis de ensino: 3º a 5º anos, 6º a 8º anos e 9º ano e 1º ano do ensino médio.

Agradecemos à Secretaria de Estado da Educação pelo apoio à proposta de transferência de recursos 27856/2022, na ordem de 300 mil reais e; a participação ativa das Gerências Regionais de Educação de Lages e São Joaquim no projeto. Agradecemos às Secretarias Municipais de Educação e Turismo, ao SENAC, AMURES e CISAMA por estarem conosco nesta jornada educativa que se inicia.

Comitê Gestor do Projeto





PREFÁCIO

Bem-vindo a nossa jornada cheia de descobertas pela fascinante Serra Catarinense! Você acompanhará Teodoro e Catarina, dois primos curiosos de 7 anos, que estão passando as férias com o avô, o sábio e divertido Seu Prudente.

No entanto se prepare, pois essa viagem não será como qualquer outra. Seu Prudente vai guiar Téó e Catarina por 18 cidades incríveis da Serra Catarinense, cada uma com suas paisagens deslumbrantes e um segredo especial, que apenas ele conhece e que você só vai descobrir no final de cada história. De Capão Alto a Anita Garibaldi, cada parada revelará algo mágico e surpreendente, conectando a natureza, a história e as tradições de cada lugar. Então, pegue sua mochila e se junte a essas aventuras cheias de emoções!



PARTE I

A casa do Seu Prudente fica em uma região muito especial, chamada Coxilha Rica. É um lugar único, onde o tempo parece correr mais devagar. Com mais de 1000 metros acima do nível do mar, essa vasta região de campos ondulados é repleta de antigas fazendas, das quais muitas possuem mais de cem anos de história. E é em uma dessas fazendas que vive o avô de Catarina e Teodoro.

Ali, o gado descansa tranquilamente nas grandes áreas de pastagem natural e, antigamente, tropeiros cruzavam o caminho com seus rebanhos, levando gado do Sul para o Sudeste do Brasil. A paisagem é um verdadeiro espetáculo para os olhos. Há campos a perder de vista, rios que serpenteiam a terra, formando lajeados e corredeiras, e cachoeiras escondidas entre as fazendas. A vegetação dos campos cobre o horizonte, e o vento, sempre presente, traz consigo o cheiro fresco da natureza.

Acesse o link do Google Earth para conhecer a região da Coxilha Rica



Seu Prudente conhece cada pedaço daquela terra e sempre dizia para Téo e Catarina que a Coxilha Rica guardava histórias incríveis, muitas delas contadas por pedras, rios e colinas, que formavam o cenário daquela imensa planície. Que grande oportunidade para os primos que sempre ouviram de seus pais que o avô era um excelente contador de histórias

Assim que Téo e Catarina desceram do carro e avistaram a casa do avô ao longe, cercada pelos campos da Coxilha Rica, sentiram o vento fresco bater no rosto e souberam que as férias estavam prestes a começar e, com elas, uma aventura inesquecível.

Quando Téo viu o avô pela primeira vez naquele dia, ele soube que as férias iam ser especiais. O avô, com aquele jeito calmo e sorriso no rosto, estava diferente. Não era só o sorriso caloroso que o deixava animado, mas as roupas que ele usava. O avô estava vestido como um verdadeiro campeiro da Serra Catarinense. Téo sempre gostava de ouvir as histórias sobre os antigos tropeiros e, naquele momento, era como se estivesse vendo um deles ali, ao vivo.





O avô usava uma calça larga, com detalhes que Téo logo percebeu: era como se as calças dissessem que ele estava pronto para montar o cavalo e partir para uma aventura. O tecido parecia forte, resistente, perfeito para quem passava horas no lombo de uma mula. A camisa clara, de mangas compridas, era simples, mas carregava um ar de tradição. O lenço atado ao pescoço completava o visual, dando um toque de cor que destacava ainda mais a vestimenta.



Será que ele vai nos levar a cavalo? Ou, talvez, contar histórias sobre os tropeiros?, pensava Téó, imaginando o que o avô tinha planejado.

Contudo o que mais chamou sua atenção foi o pala que o avô carregava sobre os ombros. Era um pano grosso de lã, que protegia do vento gelado da Serra, e o avô parecia usá-lo com tanta naturalidade, como se fizesse parte dele.





As botas marrons, já gastas pelo tempo e pelas aventuras no campo, eram um sinal claro de que o avô sabia das coisas. Cada detalhe da roupa contava uma história: a guaiaca, onde ele, provavelmente, guardava moedas e outras pequenas coisas, o colete, que dava um ar ainda mais sério, e o chapéu, sempre inclinado, que protegia do sol forte das tardes na Coxilha Rica.

O vô parece um personagem saído dos livros de história, pensava Téó, admirando o jeito com que o avô carregava a tradição de uma cultura tão viva na Serra.



A pilcha, que ele vestia com tanto orgulho, não era só uma roupa, mas sim um sinal de que eles estavam prestes a mergulhar nas tradições da região.

— Vô, por que você tá vestido assim? — Téio finalmente perguntou, com uma mistura de curiosidade e admiração.

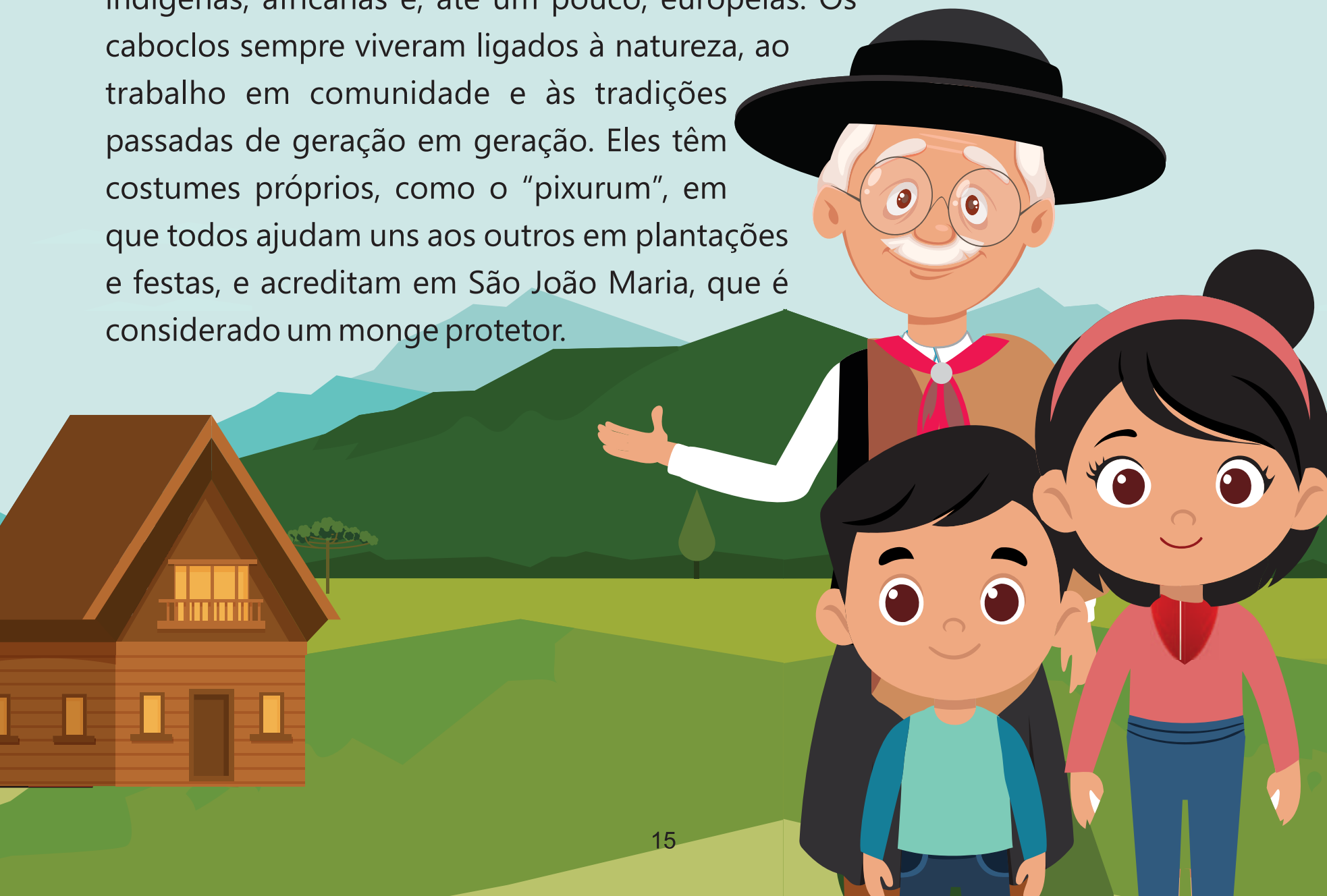
O avô sorriu, ajustando o chapéu e se aproximando dos netos.

— Essa é a indumentária dos campeiros da Serra Catarinense, meu guri. Cada peça tem uma função. A calça larga é pra montar a cavalo com conforto, o chapéu protege do sol e o pala esquentava nas noites frias. Mas sabem, esse jeito de vestir e viver aqui na Serra tem uma longa história. A gente tem uma mistura de culturas muito rica. Por exemplo, a cultura campeira, que é a vida dos tropeiros que atravessavam esses campos levando gado de um lugar para outro.



O avô continuou apontando para o campo ao redor:

— E tem, também, a cultura cabocla, que vem das pessoas que têm raízes indígenas, africanas e, até um pouco, europeias. Os caboclos sempre viveram ligados à natureza, ao trabalho em comunidade e às tradições passadas de geração em geração. Eles têm costumes próprios, como o “pixurum”, em que todos ajudam uns aos outros em plantações e festas, e acreditam em São João Maria, que é considerado um monge protetor.



Com um olhar carinhoso, ele concluiu:

— E é por isso que estou vestido assim, para que vocês conheçam as raízes da nossa terra. E, hoje, vamos viver um pouco dessa tradição. Vocês estão prontos?

Téo e Catarina estavam animados, curiosos para saber qual seria o primeiro destino da aventura pelas cidades da Serra. O avô, com um sorriso no rosto, sugeriu que aquele dia começaria com algo diferente: um passeio de trem pela Coxilha Rica.

— Trem, vô? Vai ser incrível! — Disse Téo, já se imaginando na janela, vendo as paisagens passarem.

— O que a gente vai ver lá? — Perguntou Catarina, sempre curiosa.

O avô, gostando de instigar a curiosidade dos netos, respondeu:

— Ah, **Capão Alto** é cheia de



histórias, minha menina. As fazendas antigas e os muros de taipas nos contam sobre o tempo dos tropeiros, quando eles levavam o gado do Sul até o Sudeste. Vamos ver de perto esses caminhos cheios de pedras, construídos há muito tempo pelos taipeiros.

Catarina e Téo olhavam com atenção enquanto o avô continuava:

— Capão Alto, junto com Lages, faz parte da região da Coxilha Rica, uma das mais ricas em história e cultura do nosso planalto serrano. A Coxilha Rica é um lugar muito especial, cheio de campos imensos e fazendas antigas. As pessoas ainda mantêm tradições de muito tempo atrás, e a gente pode conhecer tudo isso de pertinho.

— E tem cavalo? — Perguntou Téo, imaginando-se cavalgando pelos campos.

— Claro que sim! — Disse o avô. — O turismo rural é uma das principais atrações de Capão



Acesse o Portal
Municipal de Turismo de
Capão Alto

Alto. Tem cavalgadas, trilhas e passeios por paisagens naturais lindas. Um dos eventos mais famosos é a cavalgada pela Coxilha Rica. Durante seis dias, os cavaleiros percorrem mais de 100 km, e gente do Brasil todo e até de outros países participa dessa aventura.

— Nossa, que legal! E tem rio também? — Questionou Catarina, que adorava brincar na água.

— Sim, há rios que cruzam a região, como o Rio Pelotas e o Rio Pelotinhas, perfeitos para explorar. Quem

gosta de tirar fotos bonitas não pode perder a Ponte Ferroviária do Rio Pelotinhas. Ela é enorme, com 220 metros de extensão e tem uma estrutura em arco que faz



Foto: MSM

Ponte Ferroviária sobre o rio Pelotinhas afluente do rio Pelotas



Acesse o link para saber mais sobre cavalgadas

dela um lugar perfeito para belas fotos.

— E vocês vão adorar experimentar os produtos típicos daqui, como o pão caseiro e o queijo colonial, que são uma delícia. Em Capão Alto tem queijarias, cachoeiras escondidas, campings e hospedagens rurais, tudo em meio à natureza. — Disse o avô Prudente, enquanto os netos o olhavam com curiosidade.

Téo e Catarina já estavam prontos para a aventura. O trem chegou à estação apitando enquanto cortava o vento. O trio embarcou, e logo a paisagem da Coxilha Rica se abriu, com seus campos ondulados, rios e fazendas centenárias.



Foto: Ass. Com. Amures

Rio Pelotas na localidade do Passo de Santa Vitória divisa SC/RS



Foto: www.saborosaviagem.com.br

Queijo Artesanal Serrano produzido há mais de dois séculos



Pintura de ilustração de Tropeiros e Pioneiros da região

— Vô, como eram os tropeiros? — Téó perguntou enquanto olhava pela janela, observando o verde sem fim.

— Os tropeiros eram homens fortes e corajosos. Eles atravessavam longas distâncias levando gado para vender, enfrentando frio, calor, rios e, até, tempestades. Usavam os muros de pedras para guiar as tropas. Eram feitos de uma pedra tão dura que chamavam de "pedra ferro". É por isso que esses muros estão aí até hoje, firmes e fortes. — Explicou Seu Prudente, enquanto o trem balançava suavemente pelos trilhos.



Foto Ass. Com. Amures

Muros que formam corredores de Taipas na região

Ao chegar, o trio desembarcou e seguiu para uma das fazendas históricas de **Lages**. O silêncio do lugar, interrompido apenas pelo som distante dos pássaros e pelo vento, parecia guardar muitas memórias.

Enquanto caminhavam pela fazenda, o avô parou e apontou para os antigos muros de taipa que ladeavam o caminho. As pedras, encaixadas sem recortes ou

entalhes, formavam corredores longos e resistentes.

— Esses são os muros de taipa, construídos por taapeiros — Explicou o avô.
— Eles eram pagos pelos fazendeiros para erguer essas estruturas e garantir que o gado da fazenda não se misturasse com o das tropas que passavam por aqui. Esses corredores eram essenciais para o controle do gado durante as grandes viagens. É incrível pensar que as pedras ajudavam a guiar os tropeiros, não é? — Disse o avô, admirando a obra.



Acesse o link da Secretaria de Turismo de Lages



Enquanto o sol ainda se mantinha firme no céu, Téo e Catarina estavam ansiosos para explorar Lages com o avô. Eles já tinham ouvido falar muito sobre a cidade, suas lendas e tradições, mas agora podiam ver tudo

com seus próprios olhos. O avô os guiava com calma, explicando cada detalhe, como sempre fazia.

— Vamos começar pelo Parque Jonas Ramos.
— Disse o avô. — É um dos pontos mais antigos e queridos daqui, com uma história incrível que vocês precisam ouvir.



Parque Jonas Ramos, conhecido popularmente por “Tanque”



Acesse a Exposição
Lages 250 anos: de vila
tropeira a cidade-polo
da Serra Catarinense



ARQUEOLOGIA - Os
Povos Originários e o
Ecossistema da Serra
Catarinense



Por este chão: Lages
em movimento



Fé e Religiosidade
em Lages/SC



Diversidade
Étnica e Cultural
em Lages/SC

Os netos, atentos, seguiram o avô até o lago com um espelho d'água, que deu origem à lenda da "Serpente". Ao redor, famílias passeavam e crianças corriam. O avô apontou para um guardião com lança atrás de uma mulher segurando uma criança no colo — estátuas que se erguiam em um pequeno lago artificial.

— Sabem por que essa imagem está aqui? — Perguntou ele, enquanto os netos balançavam a cabeça curiosos.

— Dizem que, muitos anos atrás, esse Tanque era o local onde as lavadeiras da cidade vinham lavar suas roupas. Contudo aconteceu algo inusitado. — O avô fez uma pausa, criando suspense. — Nesse lugar de trabalho e conversa, uma tragédia aconteceu.



Monumento As Lavadeiras no Parque Jornas Ramos



Uma mulher, desesperada por ter perdido o seu bebê, jogou o feto nas águas do Tanque. A lenda conta que essa criança se transformou numa serpente gigante que começou a assustar a vila.

— Uma serpente gigante? — Catarina exclamou com os olhos arregalados.

O avô acenou com a cabeça.

— Os moradores ficaram aterrorizados, sem saber o que fazer. Foi, então, que Nossa Senhora dos Prazeres apareceu e, milagrosamente, pôs os pés sobre a cabeça da serpente, impedindo que ela destruísse Lages. E é por isso que a imagem da Santa nunca pode sair do altar da Catedral de Lages, caso contrário a serpente pode se libertar.

Téo e Catarina olhavam fascinados para a estátua, imaginando a cena. A lenda ganhava vida em suas mentes.

Depois de uma breve caminhada pelo parque, o avô os levou para conhecer a imponente Catedral Diocesana. Suas torres majestosas apontavam para o céu e, dentro, a atmosfera solene era que-



Vista aérea do Parque Jonas Ramos
(Lenda da serpente)



Acesse o link de
Contação de Histórias



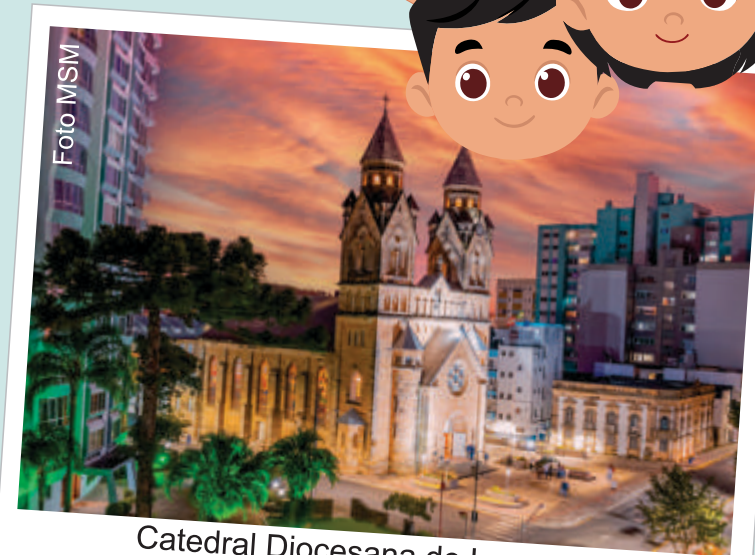


brada apenas pelos sussurros dos visitantes. A estátua de Nossa Senhora dos Prazeres estava ali, no altar, protegendo a cidade.

— Acreditam que essa catedral e essa lenda são parte da alma de Lages? — Disse o avô, emocionado.

Ao sair da catedral, o trio seguiu em direção ao Colégio Rosa, outro monumento histórico da cidade. Suas paredes cor-de-rosa vibravam ao sol, e o avô explicou como o prédio era um dos grandes marcos da educação e cultura da região.

— Agora, algo que não podemos perder antes de ir embora é... A Dança do Graxaim! — Disse o avô com um sorriso.



Catedral Diocesana de Lages
construída em 1942



Acesse o link e fique
por dentro da
programação do Centro
cultural Vidal Ramos



Acesse o link da Catedral
Diocesana de Lages e
conheça a sua história



Colégio Rosa (Antigo Colégio Vidal Ramos)



Graxaim do campo, espécie selvagem comum na região

Téo e Catarina franziram o rosto, sem entender.

— É uma dança tradicional daqui. — Explicou o avô. — Ela quase desapareceu, mas ainda resiste por meio dos grupos folclóricos. Imitamos o graxaim, um bichinho parecido com o cachorro-do-mato. Os passos são rápidos e curtos, como se estivéssemos tentando fugir ou nos esconder.

Acesse o link e conheça a tradicional Dança do Graxaim



Eles chegaram ao Museu Histórico Thiago de Castro, onde um grupo de pessoas se preparava para a dança. A música começou com a melodia envolvente da gaita, e os dançarinos entraram em ação, movendo-se com agilidade e destreza. Os passos curtos e rápidos reproduziam o jeito de andar do graxaim.

— **“Com laço nos tentos
Desapresilhado...É o Graxaim
Um churrasco trançado”.**



CTG Planalto Lageano em apresentação de danças

Acesse o link do curta Dançando Nossa Terra.



— O avô cantarolava junto com a música, e Téo e Catarina riam, tentando imitar os movimentos dos dançarinos.

Era um espetáculo cheio de vida, e o avô explicou como a dança representava o espírito campeiro da região, a forte conexão com a vida rural e a natureza.

— A dança é uma celebração da nossa cultura, do nosso vínculo com a terra. — Disse o avô.

Antes de finalizar o passeio, o avô levou os netos ao mercado público, onde comprou um pouco de queijo e linguiça serranos, que são os sabores típicos da região.

Antes de finalizar o passeio, o avô avistou um cartaz colorido que anunciava a próxima edição da Festa Nacional do Pinhão, no Parque de Exposições Conta Dinheiro. Ele parou por um momento, apontando para o cartaz com um sorriso no rosto.



Foto MSM

Festa Nacional do Pinhão maior
evento do gênero em SC



Acesse o link da
Fundação
Cultural de Lages



Foto Ass. Com. Amures

Festival de Música Sapecada da
Canção Nativa



Acesse o link para
informações sobre
a Sapecada da
Canção Nativa

— Olhem, essa é a nossa grande festa! —
Disse o avô com entusiasmo. — A Festa do Pinhão
é um dos maiores eventos do Brasil em termos de
cultura e gastronomia. Atrai centenas de turistas
para a Serra.

Téo e Catarina olharam com curiosidade. Eles
já tinham ouvido falar dessa festa, mas nunca
tinham participado.

— Durante a festa, as pessoas celebram o pinhão, que
não é só importante para a natureza, mas também faz parte
da nossa identidade cultural. — Continuou o avô. — Além disso, tem muita músi-
ca, danças típicas, e a comida é uma atração à parte, com pratos deliciosos feitos
à base de pinhão e outros sabores da serra.

Ele fez uma pausa e apontou para um detalhe no cartaz.

— E uma das partes mais especiais da festa é a Sapecada da Canção Nativa,
um festival de música que celebra as tradições da nossa terra. Músicos de todo o
país vêm para cá para mostrar suas canções, sempre valorizando os temas e rit-
mos regionais.

Téo e Catarina imaginavam como seria assistir à Sapecada, com as músicas contando histórias da Serra e de suas paisagens. O avô, notando o entusiasmo dos netos, disse:

— Quem sabe um dia vocês não vêm comigo? A festa é um ótimo jeito de sentir toda a alma dessa terra.

Depois de explorarem Lages, esticaram a viagem para o próximo destino: a cidade de Paineira. Durante a viagem, Téo ficou curioso sobre o que fariam lá.

— Vô, o que tem em **Paineira**? — Perguntou ele, ansioso.

— Paineira é conhecida como a Capital Catarinense do Pinhão. Preparamos pratos deliciosos com pinhão, como a paçoca e o entrevero. Além disso, a cidade tem uma natureza incrível e é banhada por muitos rios, mas o principal é Rio Caveiras, que nasce na cidade e se estende por toda a região. Lá, a gente vai fazer a trilha do Cânion do Rio Caveiras e conhecer a Cachoeira da Garganta do Diabo, um lugar de tirar o fôlego. — Contou o avô, deixando os netos ainda mais ansiosos.

Ao chegarem em Paineira, o trio seguiu a cava-





Garganta do Diabo um ícone turístico da região

lo para a Fazenda Morro Chato, onde o rio Caveiras serpenteava pela paisagem, criando a famosa Garganta do Diabo. As águas corriam entre as pedras, formando um cenário majestoso.

— Esse lugar parece mágico! — Disse Catarina, encantada com a beleza do rio.

— E é mesmo, minha menina. A natureza

aqui em Paineira é cheia de surpresas.

Ao deixarem a Garganta do Diabo para trás, o avô aproveitou a tranquilidade da fazenda para compartilhar outra curiosidade sobre a região.

Vocês sabiam que o pinhão, além de ser delicioso, é importante para o meio ambiente? Os netos ouviam atentos, enquanto caminhavam pela fazenda.

— É o alimento preferido da Gralha Azul.

— Gralha Azul? — Téó repetiu, curioso.





Pinha aberta exibindo seus pinhões lustrosos



Foto: Max Rafi Sumatra

Gralha Azul, espécie que se alimenta de pinhão

— É um passarinho?

— Isso mesmo, Téo! — Respondeu o avô, com um brilho nos olhos de quem estava prestes a contar uma de suas histórias fascinantes. — A Gralha Azul é um pássaro muito especial aqui na nossa região, mas o mais interessante é o que ela faz com os pinhões.

Catarina olhou atenta, tentando imaginar o que um passarinho poderia fazer com pinhões.

— A Gralha Azul adora o pinhão, que é a semente da araucária, o nosso famoso pinheiro. Ela voa por aí, pega o pinhão e, para garantir que terá comida durante o inverno, ela enterra essas sementes no chão.

— Mas aí, ela come depois, né?

— Téo perguntou, franzindo a testa.

O avô sorriu e balançou a cabeça.

— Nem sempre, meu guri. Às vezes, a Gralha Azul esquece onde escondeu os



pinhões. E adivinhem o que acontece?

— Crescem novas árvores? — Catarina respondeu animada.

— Exatamente! — O avô confirmou, batendo palmas. — Aquelas sementes enterradas acabam virando novas araucárias. E, assim, a Gralha Azul ajuda a natureza a se renovar, plantando novas árvores e mantendo nossas florestas vivas e saudáveis.

— Então, a Gralha Azul é como uma jardineira da natureza! — Exclamou Catarina, admirada.

— É isso mesmo. — O avô riu. — E o que a Gralha Azul faz é um exemplo perfeito de sustentabilidade. A natureza cuida de si mesma, e nós aprendemos a respeitar esse ciclo, preservando o meio ambiente e vivendo em harmonia com ele.

Depois de uma breve pausa, o avô continuou:

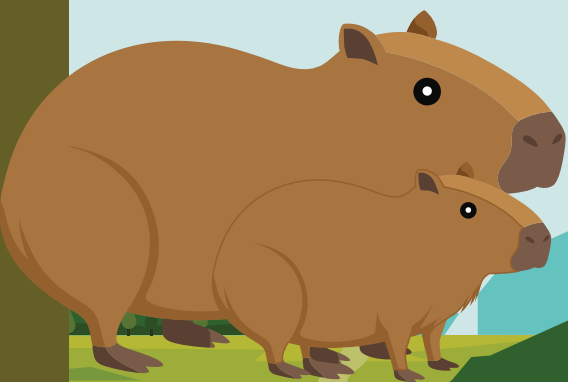




— Agora, sabem outro animal muito importante para a preservação das florestas de araucárias? A cutia! Talvez pelo contraste na aparência, uma

sendo uma ave colorida e ativa, a outra, um pequeno roedor discreto, a gralha costuma levar a fama de jardineira da natureza, mas as duas espécies têm funções complementares no ecossistema.

— A Gralha, sempre atenta, voa de um lado para o outro, espalhando pinhões para se alimentar no inverno. A Cutia, por sua vez, cava a terra para enterrar o que não consegue comer. Mas, assim como a Gralha, a Cutia, muitas vezes, esquece onde esconde suas sementes. Com o passar do tempo, aquelas sementes esquecidas começam a brotar, crescendo fortes e transformando-se em novas araucárias. Juntas, mesmo sem perceber, a Gralha Azul e a Cutia renovam a floresta, mostrando que cada pequeno gesto pode fazer uma grande diferença na natureza. Ambas estão em risco de extinção, principalmente devido à caça predatória, o que torna a preservação de seus habitats ainda mais urgente.



Téo e Catarina prestavam muita atenção. O avô sabia como prender a atenção deles.

— Agora tem outra coisa muito boa sobre o

pinhão. As variedades de pratos que podemos preparar. A paçoca de pinhão, por exemplo, era um dos pratos preferidos dos tropeiros. — O avô explicou, fazendo um gesto como se estivesse preparando a comida. — Eles cozinhavam o pinhão, misturavam com carne de charque e farinha de mandioca e socavam tudo no pilão. Assim, criavam um alimento saboroso e nutritivo, que os mantinha fortes durante as longas viagens.

— Uau! Então, o pinhão ajudava tanto a natureza quanto os tropeiros! — Disse Téó, impressionado.

— Exatamente, Téó. — O avô sorriu, satisfeito com a curiosidade dos netos. — O pinhão é um símbolo de como a natureza e o homem podem viver em harmonia, cada um contribuindo de sua



Foto: Andriago Silva Pereira

Paçoca de Pinhão, uma iguaria típica da região



maneira. E, com isso, temos não só uma deliciosa comida, mas também uma rica história que atravessa gerações.

Catarina sorriu, pensando em como o mundo ao redor deles era cheio de segredos e tradições, e como cada detalhe, desde o pequeno pinhão até os antigos tropeiros, tinha uma história para contar.

— E tem paçoca de pinhão pra gente comer? — Perguntou Téo, esfregando a barriga com um sorriso.

— Claro que sim! Mas, antes, vamos fazer uma sapecada de pinhão, como os tropeiros faziam — disse o avô, rindo.

— Sapecada de pinhão? — Perguntou Catarina, curiosa.

— Isso mesmo! A sapecada é uma tradição bem antiga. A gente junta as grimpas dos pinheiros, aquelas folhas secas, joga os pinhões no meio e coloca fogo. Quando as chamas se





Grimpas, onde é realizada a sapecada de pinhão

apagam, os pinhões estão prontos, assadinhos. — Explicou Seu Prudente, pegando algumas grimpas do chão.

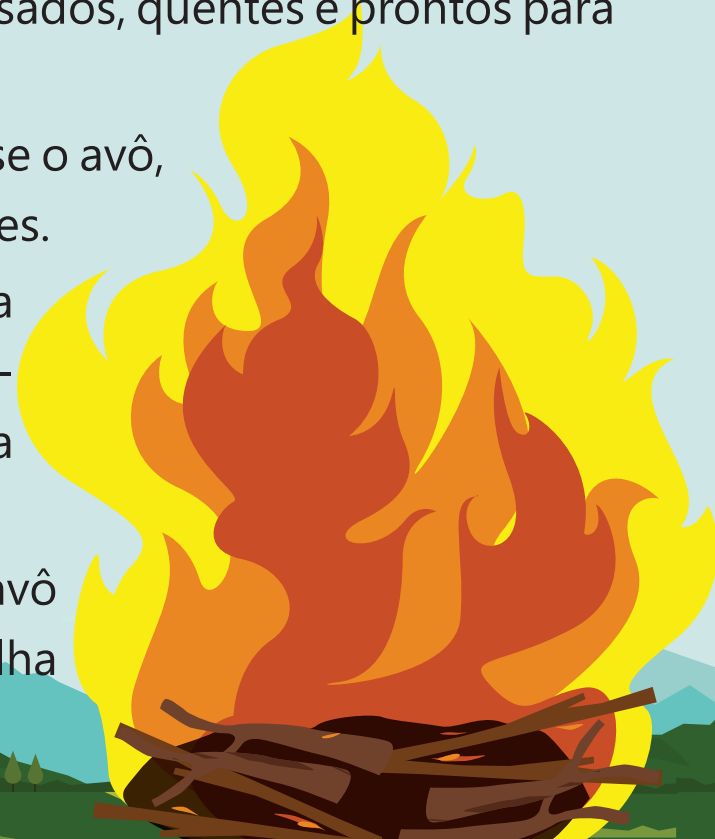
Téo e Catarina se empolgaram e começaram a ajudar o avô a amontoar as grimpas. Logo, o fogo começou a crepitar e eles obser-

varam o processo com os olhos brilhando de expectativa. Quando o fogo finalmente apagou, Seu Prudente retirou os pinhões assados, quentes e prontos para serem descascados e comidos.

— Agora sim, vamos preparar a paçoca! — Disse o avô, satisfeito, enquanto os netos saboreavam os pinhões.

A noite caiu, e, ao redor da fogueira, o cheiro da paçoca de pinhão enchia o ar. Téo e Catarina saboreavam cada pedaço daquele prato que o avô havia preparado com tanto carinho.

Depois de uma pausa, o avô se levantou, pegou a sua velha



Acesse o link
«Saberes e Fazer
do Pinhão»



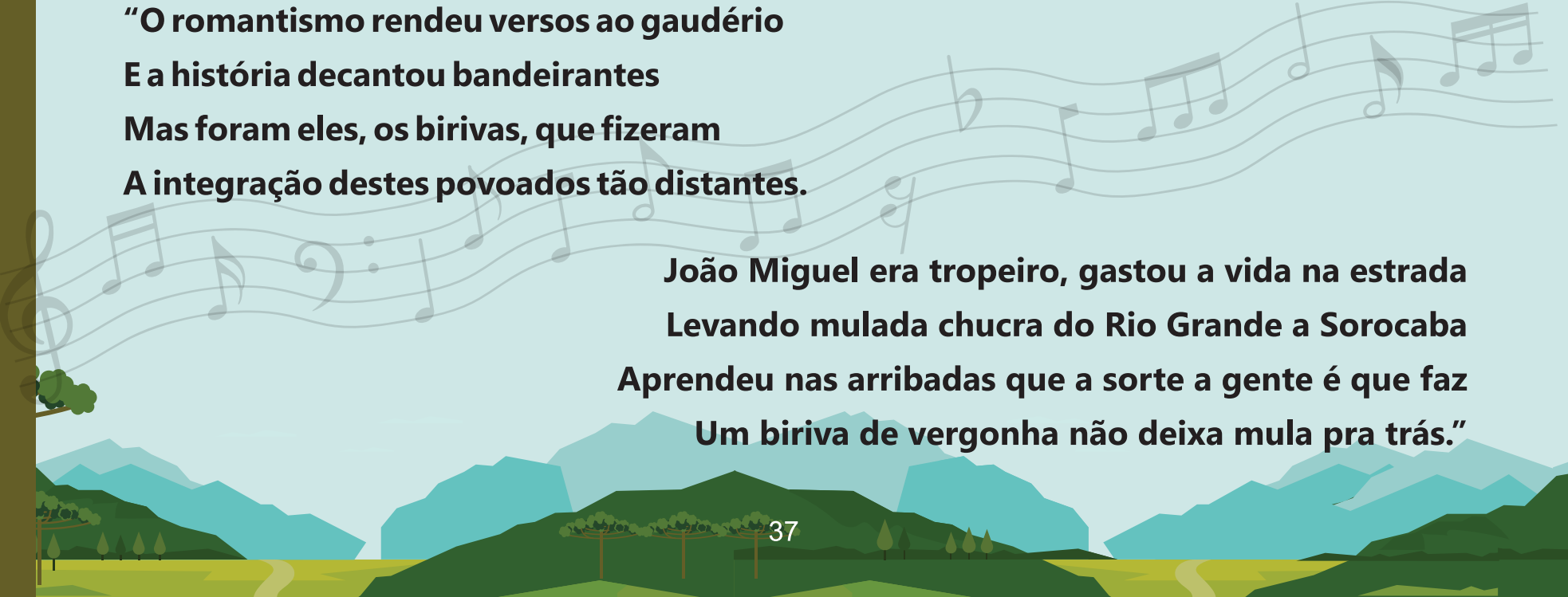
gaita, e um brilho nostálgico apareceu em seus olhos. Ele sorriu para os netos e disse:

— Sabem, o que seria de uma noite assim sem uma boa música

para nos acompanhar? Vou cantar uma canção que homenageia os tropeiros, esses homens corajosos que, como João Miguel, dedicaram suas vidas a desbravar esses caminhos que cruzam a Serra.

Ele começou a tocar os primeiros acordes da gaita e os versos fluíram como se contassem a própria história da terra e dos homens que a moldaram:

**“O romantismo rendeu versos ao gaudério
E a história decantou bandeirantes
Mas foram eles, os birivas, que fizeram
A integração destes povoados tão distantes.**



**João Miguel era tropeiro, gastou a vida na estrada
Levando mulada chucra do Rio Grande a Sorocaba
Aprendeu nas arribadas que a sorte a gente é que faz
Um biriva de vergonha não deixa mula pra trás.”**



Téo e Catarina ouviram atentos, envolvidos pelas imagens que surgiram em suas mentes. Eles podiam quase ver os tropeiros em suas longas jornadas, levando as mulas pelas trilhas da Serra.

Quando a última nota da gaita se dissolveu no ar, o silêncio voltou a tomar conta da noite. O avô suspirou, com um olhar distante.

— Os tropeiros eram mais que simples homens da estrada. Eles eram a espinha dorsal dessas terras, mantendo vivos os laços entre lugares tão distantes, com coragem e perseverança. E a nossa história, meus netos, está nas mãos de pessoas como eles. — Disse o



avô, com a voz suave e cheia de orgulho.

Téo e Catarina, com os olhos brilhando, aconchegaram-se mais perto da fogueira, gratos por fazerem parte de uma tradição tão rica e emocionante.

E, assim, entre aventuras e descobertas, o trio seguiu viagem, sabendo que a cada nova cidade, um novo segredo da Serra seria revelado.

— Mal posso esperar para o próximo destino, vô! — Disse Téo, já de olhos brilhando.

— E eu mal posso esperar para contar o próximo segredo! — Respondeu o avô, piscando para os netos, sabendo que a aventura estava apenas começando.

Acesse o Portal
Municipal de Turismo
de Paineira



PARTE II

Na manhã seguinte, Seu Prudente estava animado para levar Téo e Catarina à novas aventuras. Eles seguiram viagem rumo a **São José do Cerrito**. Ao chegarem, o avô contou aos netos sobre as casas subterrâneas e os vestígios arqueológicos dos povos indígenas que ali viveram há séculos.

— Sabem, essa cidade é conhecida como a Capital Catarinense das Casas Subterrâneas. — Explicou ele. — Os Kaingang e os Xokleng cavavam essas casas no chão, que podiam ter até sete metros de profundidade! Aqui eles faziam suas fogueiras e guardavam suas ferramentas de pedra e cerâmica.

Os olhos das crianças brilharam ao ouvir sobre o engenho desses povos antigos. Eles imaginaram como devia ser viver em casas subterrâneas, protegidas do vento frio e das tempestades. O avô incentivou-os a preservar a história:



Casas Subterrâneas, antigas moradias indígenas

Foto Ass. Com. Amures



—Os povos Xokleng e Kaingang não moravam sempre no mesmo lugar – eles eram nômades! Isso quer dizer que mudavam de um lugar para outro, acompanhando os ciclos da natureza. Quando era época de colher o pinhão, por exemplo, eles usavam essas casas subterrâneas como abrigo temporário para descansar e se proteger. É importante cuidar desses sítios arqueológicos. Eles são uma parte viva do nosso passado, e um dia vocês podem ser aqueles que contarão essa história aos visitantes, mantendo nossa herança cultural.

Acesse o link para saber mais sobre a história das Casas Subterrâneas



O trio também subiu até o Morro da Santa Cruz, onde, além da bela vista, Seu Prudente lhes contou a lenda do monge profeta João Maria, que espalhou cruzeiros em toda a região. No final da tarde, eles caminharam pelas margens do rio Canoas, que segue em direção ao oeste. Antes de continuar seu percurso, o rio recebe as águas do seu afluente, o rio Caveiras. O rio Caveiras começa na região de Paineira, passa por Lages e, finalmente, deságua no rio Canoas, na área do Salto dos Marianos, em São José do Cerrito.

— Sabiam que aqui em São José do Cerrito



acontece a maior festa religiosa da Serra Catarinense? — Comentou o avô. — É a Festa de São Pedro. Ela reúne toda a comunidade e visitantes com novenas, celebrações religiosas, quermesses, cavalgadas e, claro, o famoso churrasco na brasa! É um evento que celebra a tradição e a fé da região.

— Cavalgada? — Perguntou Téo, com os olhos brilhando.

— Isso mesmo, meu guri! A cavalgada atrai centenas de cavaleiros, todos prestando homenagem a São Pedro. Vocês iam adorar participar! — Seu Prudente sorriu, com a lembrança da festa.

No dia seguinte, eles seguiram para **Ponte Alta**, famosa pela produção da moranga. Ao chegarem, encontraram uma



Festa de São Pedro, mantém a tradicionais da fé

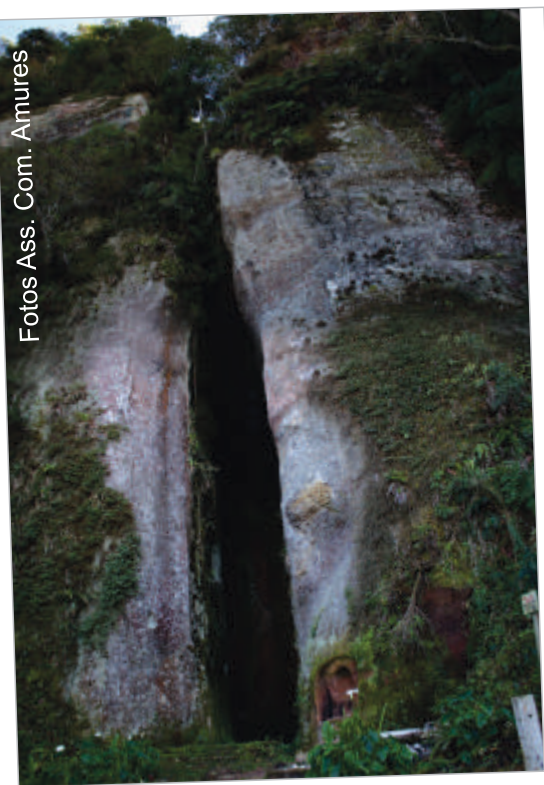
Acesse o Portal
Municipal de Turismo
de São José do Cerrito



Abóbora ou Moranga, fruta produzida em toda região



Gruta do Cafundó em Ponte Alta, um lugar de devoção



Fotos Ass. Com. Amures

feira de produtos coloniais anunciando a venda do doce da moranga cristalizada. O avô, então, comentou:

— Vocês sabiam que muitas receitas deliciosas daqui são feitas com moranga? Doces, tortas e pratos salgados, tudo com o toque especial da moranga. Esse doce que vamos comer leva três horas para ser preparado e usa cravo e açúcar para fazer a calda, que depois deixa a moranga cristalizada.

Depois de provarem o delicioso doce, Seu Prudente levou os netos até a Gruta do Cafundó, onde ficaram impressionados com a cachoeira de mais de 40 metros. O avô explicou sobre a devoção local a Nossa Senhora Aparecida e as romarias que ainda acontecem no local.

— A lenda da Gruta do Cafundó é cheia de mistério.

Conta-se que, há muitos anos, o Monge São João Maria, uma pessoa muito respeitada por suas bênçãos e ensinamentos, passou por aquela região e fixou uma cruz na entrada da gruta, abençoando o local. Um tempo depois, numa noite de tempestade, um grupo de caçadores decidiu acampar ali. Alguns deles sabiam da história do monge e avisaram que o lugar era especial, mas outros não acreditaram. Eles quebraram a cruz e entraram na gruta para dormir. Enquanto isso, os que respeitavam a bênção do monge ficaram do lado de fora. Durante a noite, um raio atingiu a gruta, e o barulho foi tão forte que os caçadores lá dentro ficaram surdos e fugiram, apavorados. Desde então, todas as cruzes que são colocadas na entrada da gruta pelos fiéis caem, como se algo misterioso não permitisse que elas ficassem em pé.

Acesse o Portal
Municipal de Turismo
de Ponte Alta



Essa lenda é contada até hoje, e muitos acreditam que a Gruta do Cafundó é um lugar especial, abençoado e cheio de lendas para contar. A lenda da Gruta do Cafundó fascinou Téo e Catarina, que não desgrudavam os olhos do cenário imponente da gruta.

A última parada do dia foi em **Correia Pinto**, onde Seu Prudente preparou algo especial. Eles foram direto para a trilha que leva ao Parque São João Maria. No local, há uma estátua esculpida em uma pedra de arenito de 3,5 toneladas, criada a partir de uma das raras fotos do profeta João Maria de Agostinho, eternizando sua presença e legado na história da região. São João Maria, como era carinhosamente chamado, foi um monge andarilho que percorreu a região no século XIX e ficou conhecido como "profeta" por suas mensagens enigmáticas, aparência distinta, com longas barbas brancas, e seus hábitos misteriosos. Seu Prudente começou a



Foto: Flávia Branchi

Parque São João Maria, estátua do profeta

Acesse o o link
sobre a história de
São João Maria



explicar:

— Ele é lembrado por suas previsões, como a famosa profecia de que um "tapete preto" atravessaria a região, o que muitos acreditam ser uma referência ao asfalto, previsto décadas antes de sua chegada a Santa Catarina.

Após o passeio pela trilha, o sol começou a se esconder, colorindo o céu com tons de laranja. Aproveitando o anoitecer, Seu Prudente levou os netos ao Morro da Cruz, onde a cruz brilhava no alto, iluminando a cidade e oferecendo uma vista incrível. Seu Prudente olhou para os netos, que agora pareciam cansados, mas com os olhos brilhando pelas aventuras do dia.

— Acho que está na hora de descansar, vocês vão precisar de bastante energia para amanhã — disse ele, sorrindo.



Acesse o Portal
Municipal de Turismo
de Correia Pinto



Já de volta a casa, Seu Prudente deu uma última dica sobre o dia seguinte:

— Amanhã, vamos para Bom Retiro. Depois, vamos explorar as belezas de Rio Rufino, a Capital Nacional do Vime, e terminar nossa jornada em Urupema, a cidade que recebeu, em 2021, o título de Capital Nacional do Frio.

Catarina e Téo se aconchegaram na cama, imaginando as novas aventuras que os aguardavam, embalados pela expectativa de descobrir mais segredos e encantos da Serra.

No início da manhã, Téo e Catarina acordaram cheios de energia e prontos para explorar a próxima cidade: **Bom Retiro**. Seu Prudente começou a aventura levando-os ao Campo dos Padres, onde fica o Morro da Boa Vista e o Morro da Bela Vista do Guizoni, com 1827 e 1823 metros de altitude, respectivamente. O local é um vasto planalto que abriga as maiores elevações



Acesse Campo
dos Padres no
Google Earth



de Santa Catarina, sendo considerado uma das regiões mais selvagens

do estado.

— Aqui, há séculos, jesuítas se refugiaram e diz a lenda que esconderam tesouros pelas montanhas. — Contou o avô enquanto atravessavam parte do caminho desafiador. Seu Prudente explicou que aquele caminho havia sido percorrido pelos jesuítas e tropeiros no século XVIII.

— Por aqui, passavam mercadorias e muitas histórias — Comentou ele enquanto os netos admiravam o trajeto que parecia saído de um conto de fadas.

— Uau, parece que estamos no topo do mundo! — Exclamou Téó, olhando para o imenso planalto que se estendia até onde seus olhos podiam ver.

— É mesmo! Dá até para imaginar os jesuítas se escond-



Foto Ass. Com. Amures

Campo dos Padres, ponto de maior altitude da região





dendo aqui, como numa história de piratas com tesouros! — Completou Catarina, animada.

Seu Prudente riu, apreciando o entusiasmo dos netos.

— Dizem que eles, realmente, esconderam algumas riquezas por aqui. Quem sabe vocês não encontram algo especial na próxima trilha, hein? — Provocou, piscando.

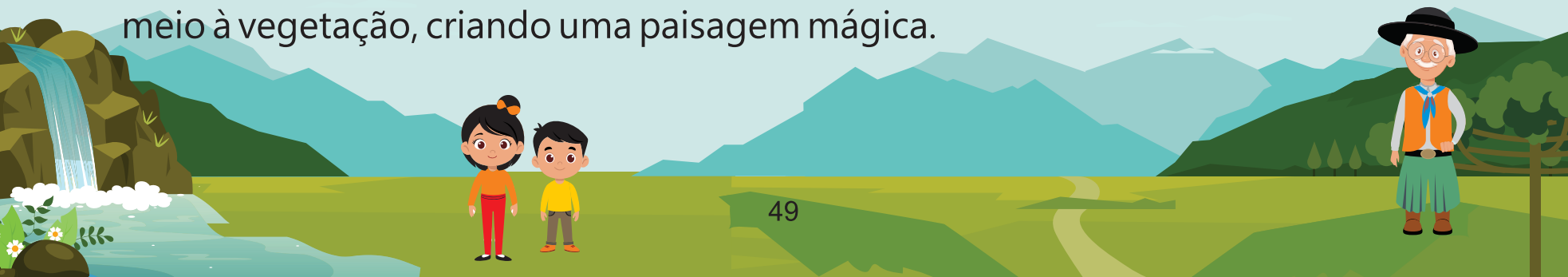
Depois de caminhar mais um pouco, o avô conduziu os netos até um novo destino: a Cachoeira do Barbaquá.

— Olhem só essa maravilha! — Exclamou, apontando para a imponente queda d'água que se escondia a apenas 80 metros da estrada principal.

Téo e Catarina ficaram encantados com a vista da cachoeira, que caía em meio à vegetação, criando uma paisagem mágica.



Ilustração da catequização dos índios pelos Jesuítas



— A estrada que leva até a Cachoeira é muito procurada por ciclistas. É um percurso tranquilo, e as paisagens ao redor deixam tudo ainda mais bonito. — Explicou Seu Prudente.



Foto Ass. Com. Amures

Cachoeira do Barbaquá em Bom Retiro,
destino turístico

Eles tiraram algumas fotos, admiraram a cachoeira e depois se sentaram um pouco para apreciar o ambiente.

Depois da visita à cachoeira, enquanto voltavam pela trilha, Seu Prudente contou sobre outro atrativo da região.

— Sabem, por aqui também tem a Trilha do Costão do Frade. É um caminho mais desafiador, cheio de curvas e bifurcações, passando por áreas com muitas árvores até o Morro Costão do Frade. Lá de cima, a vista é espetacular!

— Uau! Devemos ir para lá também? —



Foto: Acervo Bom Retiro

Trilha Calçada de Pedra, do tempo
dos desbravadores

Acesse o vídeo da Trilha
do Costão do Frade



Perguntou Catarina, curiosa.

— Talvez em outro dia. — Respondeu o avô, sorrindo. — A trilha é longa e íngreme, mas é uma ótima aventura para quem gosta de desafios.

No dia seguinte, já em **Rio Rufino**, Seu Prudente explicou aos netos que fazer artesanato com vime é uma tradição muito

importante da

cidade, por isso que é conhecida como a Capital Nacional do Vime.

— Os artesãos, que são as pessoas que fazem esses trabalhos, plantam, cortam e preparam o vime com muito cuidado. Famílias inteiras produzem, de forma artesanal, cestas, molduras e até móveis. É um trabalho especial que precisa de bastante tempo e dedicação para ficar pronto.

Depois da explicação sobre o artesanato em



Foto: Sec. de Turismo de Rio Rufino

Artesanato em Vime, cultura existente a dezenas de anos



Foto: Sec. de Turismo de Rio Rufino

Cachoeira da Fábrica, destino turístico de Rio Rufino

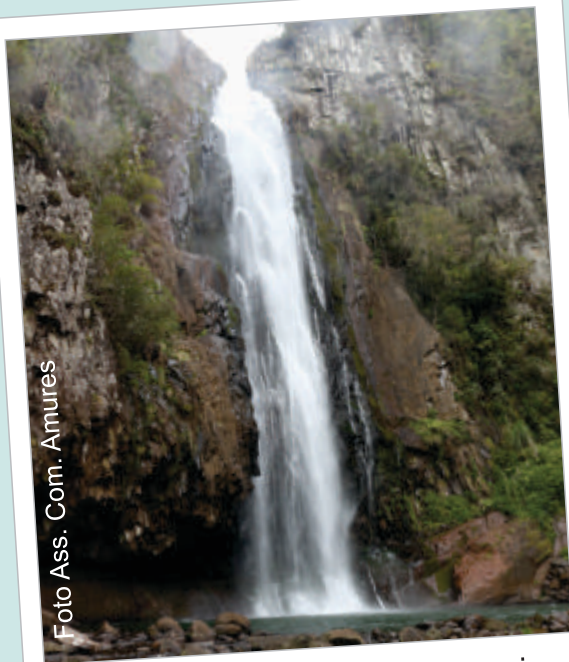


Foto Ass. Com. Amures

Cachoeira do Rio do Tigre, mais alta de Rio Rufino



Foto Ass. Com. Amures

Cachoeira do Poço, local de contemplação e paz

vime, a primeira parada foi na Cachoeira da Fábrica. Téó e Catarina ficaram admirados com as ruínas da antiga fábrica de celulose e com a beleza da queda d'água.

A aventura continuou na trilha da Pedra do Tigre, um desafio que recompensava com uma vista de 360 graus da cidade e do Rio Canoas. Mais tarde, foram a Cachoeira do Poço apreciar o som das águas e da vegetação ao redor que preenchia o ambiente.

A última etapa os levou a cidade de **Urupema**, cidade que é considerada a mais fria do Brasil. Enquanto caminhavam pelo Morro das Antenas, Seu Prudente explicou sobre o sincelo e como as árvores se cobriam de cristais de gelo nas noites mais frias. Eles, também, conheceram a famosa Cachoeira que Congela, onde as águas formavam esculturas de gelo nos dias de inverno rigoroso.

Acesse o Portal Municipal de Turismo de Rio Rufino



— Vê, como a água consegue ficar congelada? — Perguntou Téó.

— A natureza tem seus truques. Aqui em Urupema, o frio é tão intenso que até as quedas d'água precisam de um descanso. — Explicou o avô.

— E aqui, também, neva no inverno, vê?

— Sim, Catarina. No inverno, Urupema é um dos poucos lugares do Brasil onde podemos ver neve. É lindo, mas hoje estamos com sorte de ter um dia ensolarado para admirar a paisagem.

No final da tarde, com o pôr do sol pintando o céu com cores vibrantes, a vista do Morro das Antenas se tornava ainda mais deslumbrante. De lá, era possível admirar o panorama da divisa entre as cidades de Urupema e Rio Rufino, realçando a beleza da paisagem.

A Casa da Cultura, que preserva a memória tropeira e indígena, foi escolhida como o último destino do dia. Entre as salas, havia uma dedicada à preservação



Foto: Sec. de Turismo de Urupema

Cascata que Congela é fenômeno típico de Urupema

de aves. De repente, o som de asas batendo ecoou pelo ar. Curiosas, as crianças correram para fora.

— Olhem! São os papagaios-charão! — Exclamou Seu Prudente, apontando para o céu. Milhares de papagaios verdes com cabeças vermelhas voavam em perfeita sincronia, encantando a todos. Catarina e Téo ficaram em silêncio, encantados com o espetáculo.

— Parece um balé no céu! — Sussurrou Catarina.

Seu Prudente ajeitou o chapéu e olhou para o céu com um sorriso no rosto. Téo e Catarina estavam sentados ao seu lado, curiosos com o que estava por vir.

— Vocês sabem por que os papagaios-charão vêm para cá todos os anos? — Perguntou o avô.

Téo e Catarina se entreolharam, balançando a cabeça em negação.

— Bem, essa revoada é uma das maiores atrações da nossa querida Urupema. — Começou a explicar. — Todo ano, cerca de 20 mil papagaios-charão voam para a Serra em busca do pinhão, que é a semente da



araucária. É o alimento preferido deles.

— Uau! — Exclamou Catarina. — Isso é incrível!

— E tudo isso acontece porque aqui nós temos a Mata de Araucárias, que é o habitat deles.

Téo franziu a testa, pensativo.

— E o que a gente precisa fazer para que eles continuem voltando?

— Excelente pergunta, meu guri! — Respondeu o avô, orgulhoso. — Para proteger os papagaios e garantir que eles sempre tenham um lugar seguro para ficar, criaram uma área especial chamada RPPN Papagaios de Altitude em 2018. É uma reserva natural, onde a gente cuida para que as araucárias continuem crescendo e o habitat deles seja preservado.

— E todo mundo pode ajudar? — Perguntou Catarina.

— Claro! — Respondeu Seu Prudente com um sorriso. — Durante a temporada da revoada, Urupema promove o Festival do Papagaio-Charão. Lá, as pessoas aprendem a importância de cuidar do meio ambiente. Há os concursos de fotografia e desenho para os estudantes da rede de ensino, trilhas para ver os papagaios... tudo para ensinar as pessoas sobre a preservação ambiental e a biodiversidade.

Acesse o vídeo de
Papagaios Charão



— Então, cuidar das árvores e da natureza é tão importante quanto ver os papagaios? — Perguntou Téo, com os olhos cheios de curiosidade.

— Exatamente, Téo. Sem as árvores, eles não teriam comida. E sem o cuidado com a natureza, esse espetáculo que vocês estão vendo poderia desaparecer.

Seu Prudente sorriu porque sabia que essa aventura os marcaria para sempre e que, no fundo, aprenderiam a importância de cuidar do mundo à sua volta.

— Essa é a beleza da natureza, meus pequenos. Quando cuidamos dela, ela nos presenteia com momentos como esse. — Disse o avô — Agora, que tal descansar?

Com os papagaios-charão ainda no céu, Téo e Catarina se aninharam ao lado do avô, já sonhando com as próximas descobertas que fariam juntos.



PARTE III

Seu Prudente, Téó e Catarina continuaram sua jornada pela Serra, agora rumo a **Otacílio Costa**. Assim que chegaram, o avô logo começou a contar sobre a cidade.

— Sabem o que faz Otacílio Costa ser tão especial? — Perguntou ele, enquanto caminhavam pela praça principal.

— O quê? — Responderam os netos em coro, sempre curiosos.

— Aqui, a indústria de madeira e celulose é o que movimenta a cidade. E, para celebrar, todo ano acontece a Festa da Madeira. — Seu Prudente fez uma pausa dramática, esperando a reação.

— Festa da Madeira? Como é essa festa, vô? — Téó perguntou.

— Ah, é uma grande festa! Tem shows de música, rodeio de laço, cavalgadas e até uma missa crioula, que é uma celebração especial onde gente de toda parte vem participar. — Explicou o avô. — E tem uma cerveja artesanal muito famosa aqui chamada Nó de Pinho, feita em homenagem às araucárias, que são árvores muito importantes na região.



— E dá para fazer passeios a cavalo também? — Perguntou Catarina.

— Sim! Tem trilhas que podem ser feitas a cavalo para quem gosta de natureza e aventuras. Dá para conhecer os pecuaristas e ver de perto como eles cuidam dos rebanhos. É uma experiência incrível! — Disse o avô.

— E o que é isso na entrada dessa loja? — Téó apontou para um artesanato que avistou.



Nó-de-pinho, produto do pinheiro Araucária

— Leva o nome de Porongo. É uma planta que os indígenas usavam para fazer cuias e outros utensílios. Até hoje, aqui em Otacílio Costa, colhem cerca de mil porongos por ano para produzir artesanatos lindos! — Seu Prudente pegou uma cuia feita de porongo e mostrou aos netos.

— E é desse porongo que se faz a tradicional cuia



do chimarrão, uma bebida muito apreciada na nossa região e em todo o sul do Brasil. O chimarrão é preparado com a erva-mate, que aqui na Serra é cultivada nas propriedades rurais. A erva-mate tem um sabor forte e amargo, e, além de deliciosa, ela é parte de uma tradição de compartilhamento.

Depois de explorar Otacílio Costa, seguiram viagem para a cidade de **Palmeira**. A cidade abriga o Morro da Cruz, um local de devoção e simplicidade, na localidade de Mato Escuro. É um lugar especial onde centenas de devotos passam para fazer suas orações ao longo do ano.

Seu Prudente tinha um encontro marcado com o Seu Honório, um amigo de infância. A casa do Seu Honório ficava distante 16 km do centro de Palmeira, na localidade de São Sebastião do Canoas. E é lá que fica o Salto Rio Canoas, um importante ponto turístico da cidade, propício para a prática da pesca e

Acesse o Portal
Municipal de Turismo
de Otacílio Costa



Foto: Ass. Com. Amures

Salto Rio Canoas, no limite de Palmeira e Correia Pinto

esportes náuticos.

Assim que chegaram à casa de Seu Honório, o amigo abriu um sorriso largo e gritou:

— Minhazarma, Prudente! Tu é andava sumido, homi du céu! Nem tresanton-te eu te via por essas bandas!

Téo e Catarina olharam um para o outro, confusos. Não entendiam quase nada daquela conversa, mas achavam engraçado o jeito como os dois falavam.

— Vô, o que é que vocês estão falando? — Perguntou Catarina, rindo.

— Ah, isso é o nosso jeito antigo de conversar. A gente usa algumas palavras que são quase como um código secreto. — Explicou o avô, piscando para os netos.





Depois de muita conversa, Seu Honório convidou a todos para um almoço típico da região: um delicioso carreteiro. Ele começou a preparar o prato, enquanto explicava aos netos de onde vinha a tradição.

— O carreteiro é um prato que vem do tempo dos tropeiros, que viajavam com os animais por longas distâncias. Eles usavam o charque, uma carne salgada e defumada, para fazer o arroz carreteiro, porque durava muito tempo sem estragar. O nome vem das carretas que os tropeiros usavam para transportar seus mantimentos.

— A proveniência da carne é uma especialidade de Palmeira. Seu Honório explicou que a cidade é reconhecida como a Capital Catarinense de Carnes de Qualidade, um título que valoriza a culinária campeira. A gastronomia local é mar-



Arroz Carreteiro, prático típico da gastronomia regional



cada pela influência de diversas culturas de imigrantes, o que enriquece ainda mais os pratos tradicionais.

As crianças ficaram ainda mais encantadas quando experimentaram o sabor do carreteiro preparado com tanto carinho pelo amigo do avô.

Após o almoço, despediram-se do Seu Honório e foram para a próxima parada: **Bocaina do Sul**, uma cidade cheia de mistérios. Assim que chegaram, Seu Prudente apontou para uma enorme pedra no horizonte.

— Estão vendo aquela pedra ali? Parece uma boca, não é?

— Parece mesmo! — Exclamou Téó, surpreso.

— É a Pedra da Boca, foi ela que deu o nome à cidade. Bocaina significa caminho estreito entre dois morros, uma característica geográfica marcante do município. E, para chegar até lá, passamos pela Estrada dos Tropeiros, o caminho que eles usavam para viajar de Lages a Florianópolis. — Explicou o



Foto Ass. Com. Amures

Pedra da Boca, símbolo da fundação de Bocaina do Sul



avô.

— A cidade também possui uma impressionante cadeia de 10 serras, que formam o relevo característico da região e contribuem para sua paisagem de grande beleza natural — complementou o avô.

— E o que é a Lagoa do Foge? — Perguntou Catarina, curiosa ao ver uma placa indicando o local.

— Ah, essa lagoa tem uma lenda. Dizem que ela não tem fundo e que ninguém sabe de onde vem a água ou para onde vai! — Disse Seu Prudente, em tom de mistério. — Mas, na verdade, ela está ligada ao Aquífero Guarani, uma enorme reserva de água subterrânea que se estende por vários países da América do Sul.

— Uau, isso é incrível! — Exclamou Téó.

— E ainda tem a história do Monge São João Maria, um homem que ajudava as pessoas por onde passava e, se bem recebido, deixava uma cruz e uma muda de goiaba serrana. A cruz ficava sempre próxima a fontes de água e, dizem, fazia milagres. Hoje, tem uma estátua dele aqui na cidade, na comu-





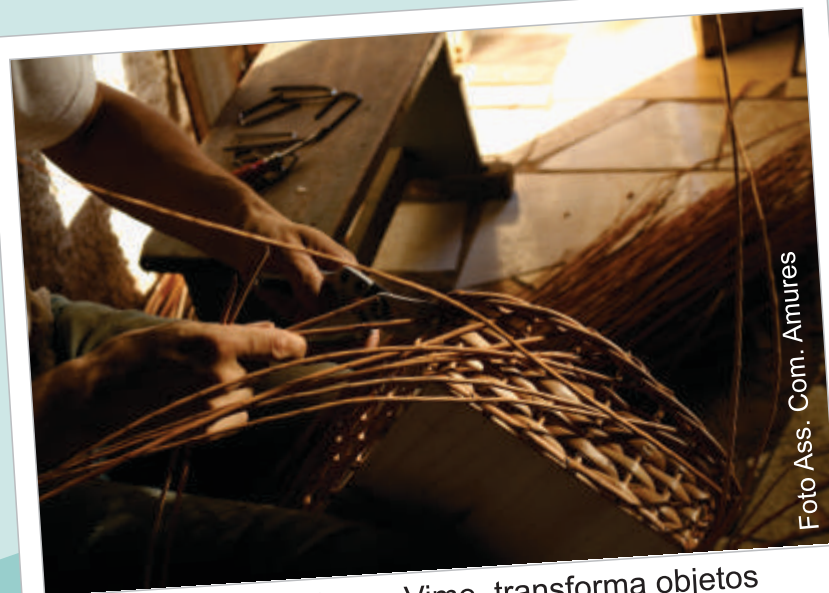
Gruta Nossa Senhora de Lourdes, local de
visitação e fé

nidade de Areião. — Completou o avô.

O avô também levou os meninos até a Gruta Nossa Senhora de Lourdes, que fica na localidade de Alto Canoas, um dos destinos mais visitados por fiéis. Seu Prudente contou que a gruta foi ideia do Padre Theodoro Baschulte e foi construída com a dedicação e o trabalho das próprias mãos dos moradores locais, tornando-se um símbolo de fé e união comunitária.

Para encerrar o dia, Seu Prudente levou os netos para conhecer o famoso artesanato em vime, feito pelas famílias locais. Eles ficaram encantados com a habilidade dos artesãos e com a forma como as tradições eram mantidas vivas em Bocaina do Sul.

— Sabem, esse artesanato está



Artesanato em Vime, transforma objetos
de decoração



Foto Ass. Com. Anures

Mostra do Campo, evento mais antigo da Serra Catarinense

sempre presente na Mostra do Campo, uma festa tradicional da cidade que valoriza a cultura local e a produção rural da região. — Explicou Seu Prudente. — O evento é uma grande celebração das tradições do campo, com exposições e venda de produtos típicos, desfile, cavalgada, rodeio crioulo, missa campeira e até um seminário sobre agricultura familiar. Há, também, apresentações cultu-

rais, gineteada e shows musicais que reúnem a comunidade e os visitantes.

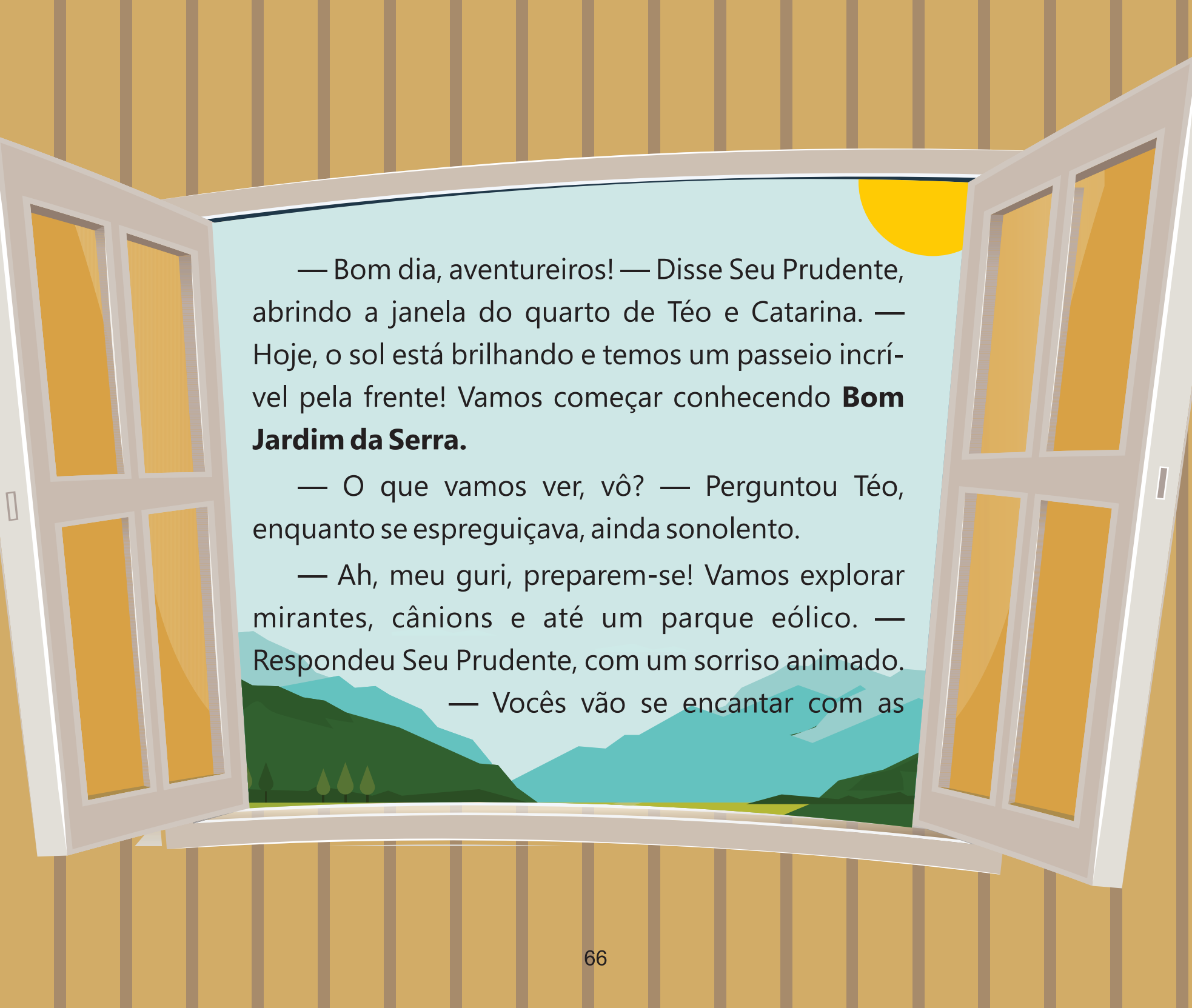
Téo e Catarina ouviram com atenção, maravilhados com tudo o que a cidade oferecia e como a tradição se misturava com a vida rural.

— Cada cidade tem suas histórias e tradições. — Disse o avô. — E é importante lembrar que, para manter essas belezas vivas, precisamos cuidar da nossa natureza. Tudo está conectado.

Os netos sorriram, absorvendo cada detalhe das histórias e aventuras que viviam ao lado do avô. Eles sabiam que ainda tinham muito a descobrir nas próximas cidades.

Acesse o Portal
Municipal de Turismo
de Bocaina do Sul





— Bom dia, aventureiros! — Disse Seu Prudente, abrindo a janela do quarto de Téo e Catarina. — Hoje, o sol está brilhando e temos um passeio incrível pela frente! Vamos começar conhecendo **Bom Jardim da Serra**.

— O que vamos ver, vô? — Perguntou Téo, enquanto se espreguiçava, ainda sonolento.

— Ah, meu guri, preparem-se! Vamos explorar mirantes, cânions e até um parque eólico. — Respondeu Seu Prudente, com um sorriso animado.

— Vocês vão se encantar com as



Foto: MSM

Serra do Rio do Rastro maior ícone turístico da região



Foto Ass. Com. Amures

Vista panorâmica do Mirante da Serra do Rio do Rastro

belezas desse lugar, especialmente com a vista de uma das rodovias mais lindas do mundo, a Serra do Rio do Rastro.

Minutos depois, já no Fusca do avô, o trio seguia para o mirante mais famoso da região. Assim que chegaram, desceram do carro e foram direto para a beira do mirante.

— Uau! — Exclamou Catarina, com os olhos arregalados. — Olhem quantas curvas lá embaixo! Parece um caminho de serpente.

— É uma das estradas mais sinuosas do



Brasil. — Explicou Seu Prudente. — Daqui de cima, podemos ver o caminho serpenteando montanha abaixo. Aqui do mirante dá para entender o quão incrível essa estrada é. E essas montanhas, crianças, são um espetáculo por si só!

Catarina olhava para as montanhas e os cânions que se estendiam até onde a vista alcançava.

— Olha, vô! O que são esses bichinhos? — Exclamou Catarina, apontando para um grupo de quatis que se aproximava do mirante.

— Ah, os quatis! — Sorriu Seu Prudente. — Eles são pequenos mamíferos que vivem em bandos e têm hábitos diurnos. Adoram se alimentar de frutas e pequenos animais, mas são selvagens e precisam viver em harmonia com a natureza. É muito importante que a gente não alimente os animais silvestres, viu? — Disse ele, observando alguns turistas oferecendo comida aos bichinhos.

Catarina olhou curiosa, e o avô continuou:

— Quando alimentamos os quatis ou qualquer outro animal da natu-



Quatis, mamífero símbolo da Serra do Rio do Rastro



reza, a gente muda os hábitos deles. Eles acabam dependendo da comida das pessoas e podem até adoecer, porque o que a gente come nem sempre é bom pra eles. Manter o ambiente natural é parte da nossa responsabilidade. A sustentabilidade começa por aí: cuidar da natureza, preservar os hábitos dos animais e garantir que tudo continue funcionando como deve, para que os filhos de vocês possam ver essa beleza do jeito que ela é.

Os meninos observaram atentos a explicação do avô.

— E o que mais temos pra ver por aqui, vô?

— Em Bom Jardim da Serra, há os cânions de Laranjeiras, Funil, Ronda e Portal. Um é mais bonito que o outro! — Respondeu Seu Prudente.

— Eu quero explorar todos! — Disse Téó, empolgado.

— Calma lá, pequeno aventureiro. — Disse Seu Prudente com uma risada. — Temos tempo para ver tudo com calma. Um dos jeitos mais emocionantes de conhecer os cânions é fazendo um passeio 4x4. Durante o trajeto,



Canion do Funil, um dos locais mais lindos da região

Foto MSM



Foto MSM

Parque Eólico nas margens dos cânions em Bom Jardim da Serra

vamos pelo campo, cercados por paisagens deslumbrantes. Quando nos aproximamos de um cânion, paramos e seguimos a pé por alguns metros até a beira, onde podemos apreciar com tranquilidade cada detalhe da vista. As formações rochosas imponentes e desafiadoras formam um cenário de tirar o fôlego, perfeito para quem gosta de aventura e natureza.

— Mas, hoje, vou mostrar para vocês o Parque Eólico. Vamos conhecer os gigantes cataventos que aproveitam os ventos fortes daqui para gerar energia limpa.

— Cataventos gigantes? — Perguntou Catarina, fascinada.

— Sim, enormes! — Seu Prudente fez um gesto largo com as mãos para mostrar o tamanho. — Eles são responsáveis por ajudar a preservar o meio ambiente, aproveitando a força do vento para gerar eletricidade. Uma maravilha moderna no meio da natureza.



Eles seguiram para o Parque Eólico, onde os imensos cataventos giravam com força, cortando o ar com seu movimento contínuo.

— Olha só! — Disse Téó. — Parece que eles nunca param!

— E, realmente, não param. — Confirmou Seu Prudente. — É o vento constante daqui que faz isso possível. Uma lição sobre como a natureza e a tecnologia podem trabalhar juntas de forma harmoniosa.

Ele fez uma pausa e, com um olhar pensativo, acrescentou: — Vocês sabiam

Acesse o link e conheça
o Selo Turismo Serra
Catarinense Sustentável



que esse parque eólico é um exemplo perfeito de sustentabilidade? Aproveitar a força do vento, que é uma fonte inesgotável de energia, ajuda a proteger o meio ambiente e garante que a gente use menos recursos que podem acabar, como o petróleo e o carvão. Isso significa mais saúde para o planeta e para as futuras gerações, como vocês.

Depois de tirar algumas fotos e admirar a paisagem, eles voltaram ao carro, prontos para continuar a aventura.

Enquanto dirigia, Seu Prudente aproveitou para ensinar mais uma lição importante aos netos:

— Vocês sabiam que, além de apreciar a natu-

Acesse o link e saiba mais
sobre a Coluna White, na
Serra do Rio do Rastro



reza, é nossa responsabilidade cuidar dela? Por exemplo, nunca devemos jogar lixo pela janela do carro. O que parece pouco pode se acumular e prejudicar os animais, as plantas e até poluir os rios. O certo é sempre carregar uma sacolinha para o lixo e jogar fora no lugar certo.

Catarina, curiosa, perguntou:

— Mas, vô, o que acontece se alguém jogar lixo na estrada?

— Bom, meu amor, o lixo pode entupir bueiros, sujar as trilhas, e alguns materiais, como o plástico, podem levar muitos anos para se decompor. É um grande problema para o meio ambiente. Pequenas ações como essa fazem uma grande diferença para manter os lugares bonitos que visitamos, ainda limpos e saudáveis para todos. — Explicou Seu Prudente.

Com essa lição em mente, eles seguiram viagem, prontos para as próximas aventuras.



Acesse o Portal Municipal
de Turismo de Bom
Jardim da Serra



PARTE IV

Seu Prudente, Téo e Catarina já estavam prontos para explorar **Urubici**. O céu estava azul e o dia prometia ser cheio de descobertas.

— Hoje vamos conhecer alguns dos lugares mais impressionantes da Serra.
— Anunciou o avô, com entusiasmo. — Urubici é uma cidade de belezas naturais e está inserida no entorno do Parque Nacional da Serra Catarinense, uma Unidade de Conservação Federal.

— E aonde vamos primeiro? — Perguntou Téo, animado.

— Vamos conhecer as Inscrições Rupestres no Morro do Avencal. — Disse Seu Prudente — Esses desenhos nas pedras foram feitos há mais de 4.000 anos pelos povos antigos que viviam por aqui. Um dos mais famosos é a Máscara do Guardião, que só pode ser vista se você prestar bastante atenção.



Inscrições Rupestres registram a história dos antepassados



Foto: Rafael Moyses - Guia de turismo

Cascata do Avencal grande
atrativo de Urubici

Catarina, curiosa, perguntou:

— Será que esses desenhos contam alguma história dos antigos moradores?

—Quem sabe... — Respondeu Seu Prudente, sorrindo. — A verdade é que esses registros são um mistério que fascina pesquisadores até hoje.

Antes de chegarem ao local das inscrições, passaram pelo Mirante de onde puderam avistar toda a cidade e a Igreja Matriz Nossa Senhora Mãe dos

Homens, uma das maiores de Santa Catarina. O avô

parou um instante para apontar a vista. Quando chegaram às inscrições, além dos fascinantes desenhos antigos, eles também puderam contemplar a bela Cachoeira do Avencal ao fundo, completando o cenário impressionante.



Acesse o link do Morro do
Campestre no Google Earth



Em seguida, o trio foi conhecer o Morro do Campestre.

— Lá em cima, a 1.380 metros de altitude, conseguimos ver as formações rochosas que parecem esculpidas à mão. E, quando atravessamos a abertura entre as rochas, dá para ver todo o Vale do Rio Canoas, que tem a sua nascente em Urubici. É uma vista de tirar o fôlego!



Vista panorâmica do Morro da Igreja em Urubici

Ao chegarem ao topo do Morro do Campestre, Téó e Catarina ficaram boquiabertos com a vista. As formações de arenito pareciam gigantes de pedra guardando o horizonte. Depois de admirarem a paisagem e tirarem muitas fotos, eles seguiram para o próximo destino, a emocionante Serra do Corvo Branco, com suas curvas fechadas.

— Essa estrada é uma das mais impressionantes da região. — Explicou o avô — É um trajeto emocionante, então, segurem firme!

Mais tarde, o trio foi visitar a Caverna Rio dos Bugres, um lugar que já abrigou índios, bugreiros e até animais da pré-história. Téó, que adorava aventuras, ficou





Pedra Furada uma das referências turísticas da região

maravilhado com a ideia de explorar uma caverna. Inclusive, separou a lanterna na noite anterior para explorar o lugar.

— Não se esqueça da lanterna, Téio. — Lembrou Seu Prudente. — Lá dentro é escuro, vocês vão adorar ver como os antigos moradores usavam esse lugar como abrigo.

Depois da aventura na caverna, o trio seguiu para o famoso Morro da Igreja, o ponto habitado mais alto do sul do Brasil. No topo, com 1.822 metros de altitude, eles foram recebidos por uma vista magnífica da Pedra Furada.

— Olhem aquela formação rochosa — apontou Seu Prudente. — Parece uma janela gigante, não é?

O avô explicou que no Morro da Igreja está localizado o Cindacta, o Destacamento de Controle do Espaço Aéreo. Lá, uma equipe de cerca de 40 militares trabalha em plantão 24 horas, operando radares de vigilância e meteorologia, além de sistemas de telecomunicações. Eles são responsáveis por garantir a segurança e o controle do espaço aéreo no sul do Brasil, enfrentando, no inverno,

Acesse o Portal
Municipal de Turismo
de Urubici



condições climáticas extremas e desafiadoras. As informações coletadas por esses radares são enviadas para várias Organizações Militares, ajudando a monitorar o tráfego aéreo e garantir a segurança das aeronaves que sobrevoam a região.

Os netos estavam impressionados.

Depois de tanto explorar, eles fizeram uma última parada na Cascata Véu de Noiva. A trilha até lá foi acompanhada por pássaros coloridos na cascata, a água caía pelas pedras como um véu delicado.

Com os corações cheios de emoção e o espírito de aventura renovado, eles mal podiam esperar para continuar sua jornada pela Serra. O próximo destino? **São Joaquim**, onde ainda mais surpresas os esperavam.



Foto: Ass. Com. Amures

Cascata Véu de Noiva, encanta turistas em Urubici



Seu Prudente decidiu que era hora de uma pausa especial em São Joaquim, conhecida como a Capital Nacional da Maçã. Ele preparou tudo para um piquenique, no Parque Nacional da Maçã, onde eles iriam saborear algumas delícias típicas da Serra.

— Nada como fazer uma refeição ao ar livre. — Disse o avô, abrindo a cesta recheada de guloseimas.

Catarina, curiosa, olhou para a toalha improvisada com um brilho nos olhos:

— O que temos de gostoso hoje, vô?

— Perguntou Catarin.

— Trouxe rosca de coalhada. — Respondeu ele, retirando as delícias da cesta. — Feita com leite, ovos, coalhada e polvilho azedo, é uma das receitas mais tradicionais da região. Essa aqui foi



preparada pela tia Lurdes. E aqui está a bijajica, uma rosquinha feita à base de ovos, açúcar e polvilho. Essas delícias são perfeitas para um piquenique ao ar livre.

Téo, sempre atento, observou as bebidas.

— Tem suco de maçã também?

— Claro! — Disse Seu Prudente, sorrindo. — Estamos na terra das maçãs, então, trouxe o melhor suco de maçã, fresco e delicioso, além de chips crocantes de maçã para completar o nosso lanche. E a maçã Fuji possui o selo de Indicação Geográfica, o que significa que as características da fruta são únicas, resultado do meio geográfico e do processo de produção.

Enquanto os netos se deliciavam com as comidinhas, o avô preparava seu chimarrão. A erva-mate, cultivada nas florestas de araucária, era especial. Proveniente de ervas nativos, sem o uso de agrotóxicos, ela carregava toda a essência da região.

— Sabiam que essa erva-mate que eu uso vem de um ambiente preservado, onde ela cresce em sombra junto às araucárias? — Explicou ele, com um ar orgulhoso.

Catarina pegou um pedaço de pão com mel.



— E esse mel, vô?

— Ah, esse é o famoso Mel de Melato da Bracatinga. — Respondeu Seu Prudente. — Ele tem uma cor escura, o que o torna ainda mais nutritivo. Esse mel tem Indicação Geográfica, o que garante que ele só pode ser produzido aqui, nas altitudes e clima especial da Serra Catarinense. Isso mostra como a natureza e a cultura local se equilibram, promovendo o turismo sustentável e fortalecendo a economia da região.



— E o que mais podemos conhecer por aqui? — Perguntou Téo, curioso.

— Ah, São Joaquim é a Capital Catarinense dos Vinhos Finos de Altitude. Temos muitas vinícolas abertas à visita, e é a cidade que concentra o maior número de vinhedos de altitude em Santa Catarina. São mais de 300 hectares onde se cultivam uvas adaptadas ao nosso clima frio e ao solo serrano. O vinho é um dos produtos gastronômicos da região que têm Indicação Geográfica, um selo que revela a qualidade e a exclusividade do que produzimos.

— E essa aqui é a goiaba serrana — O avô tinha na

Acesse o e saiba mais
sobre o Mel de Bracatinga





Goiaba Serrana, fruta que tem a identidade regional

mão uma fruta muito especial e cheia de superpoderes — Além de ser muito gostosa, ela ajuda o nosso corpo a ficar mais forte, pois são ricas em nutrientes, antioxidantes e anti-inflamatórios. Você pode comer a goiaba de várias maneiras: fresca, em forma de sorvete, mousse, geleia e até brigadeiro. Sabia que até as pétalas das flores da goiaba serrana podem ser comi-

das? Elas são lindas e podem enfeitar pratos ou até usadas como decoração. A natureza nos dá tantas coisas boas, né?

Depois do piquenique, Seu Prudente, Téio e Catarina partiram para o famoso Colha e Pague, uma das atividades mais tradicionais da cidade durante a safra das maçãs.

— Aqui vocês podem colher suas próprias maçãs diretamente das macieiras.

Com sacolas cheias de maçãs fresquinhas, eles seguiram caminho.



Pomares de Maçãs são referência turística e econômica

— Agora vamos visitar a Igreja Matriz e aprenderemos mais sobre a história de São Joaquim, o Padroeiro da cidade. — Disse Seu Prudente. — A Igreja Matriz, que fica na Praça João Ribeiro, é uma verdadeira obra de arte, construída totalmente em pedra basalto, que foi tirada dos morros próximos e transportada de carro-de-boi. Sua construção começou em 1918 e foi inaugurada em 1935.



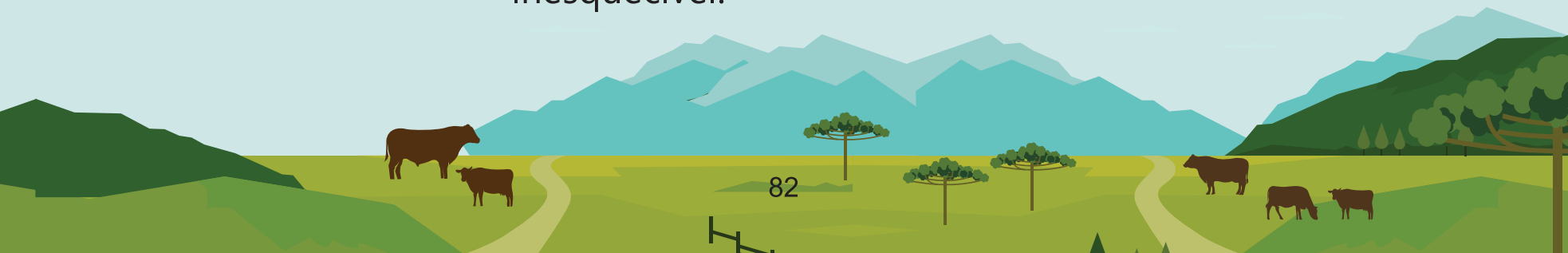
Saindo da igreja, o avô acrescentou:

— Sabem o que é ainda mais interessante? De vez em quando, durante o inverno, você pode ter a sorte de ver a neve caindo no centro da cidade, tornando a visita ainda mais especial!

Acesse o Portal
Municipal de Turismo
de São Joaquim



Como já estava ficando tarde, o trio retornou a casa com a promessa de novas aventuras e de mais um dia inesquecível.





Doce de Leite, doce típico da região

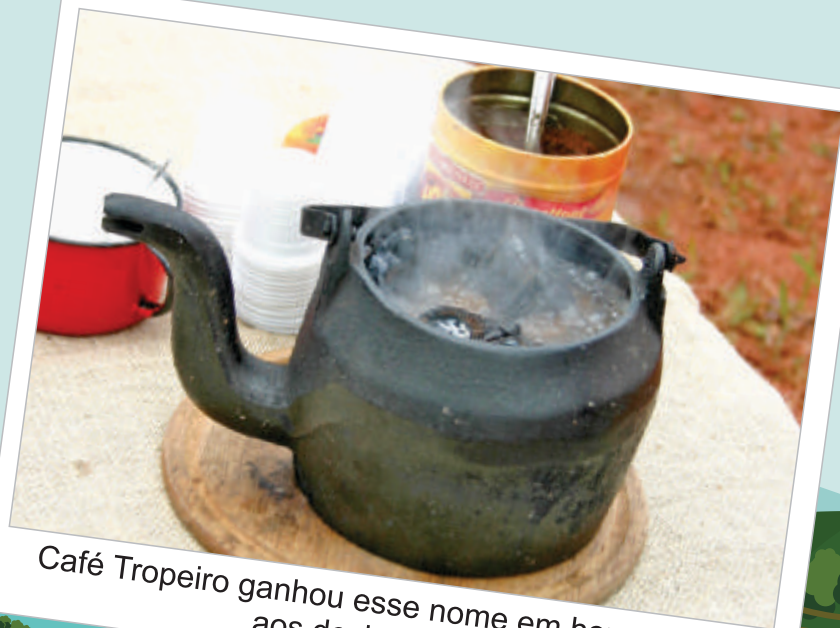
Na manhã seguinte, Seu Prudente preparou uma surpresa para os netos em **Campo Belo do Sul**. A tia Lurdes, que lá vivia, preparou um café especial para Téo e Catarina. A mesa estava cheia de delícias da região, incluindo o doce de leite caseiro.

— Sabem, crianças — começou ele — quando as vacas produzem mais leite que o

habitual, para não desperdiçar esse leite extra, a tia Lurdes começa a fazer doce de leite. É uma tradição antiga por aqui.

Os olhos dos netos brilhavam ao experimentar o doce cremoso, enquanto a tia preparava o famoso café tropeiro. Esse café era especial, diferente do que eles estavam acostumados.

— Os tropeiros faziam assim, com café, água e brasa, sem filtro, fervendo direto na chaleira de ferro. — Contou o avô.



Café Tropeiro ganhou esse nome em homenagem aos desbravadores

Após o café da manhã, Seu Prudente levou os netos para conhecer um dos lugares mais impressionantes da cidade: a Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio, uma construção feita de pedras enormes que revelava a habilidade dos primeiros construtores da região. Mas o que mais encantou as crianças foi a réplica de um pinheiro dentro da igreja, bem no meio dela!

Foto Ass. Com. Amures



Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio e sua beleza única



Foto: João Telles

Equipe de Invernada Artística que representa a região

Seu Prudente explicou sobre a cultura tradicionalista, especialmente nos CTGs. Nos CTGs, tanto pessoas do campo quanto da cidade se reúnem para ensaios de música, danças e oficinas, reforçando o senso de pertencimento às suas raízes.

Em seguida, foram visitar a “praia” da cidade, que, na

Acesse o link do curta Dançando Nossa Terra.





Foto Ass. Com. Amures

Praia do Scott atrai visitantes na temporada de verão

verdade, era um lajeado de rochas planas parecidas com lajes que se encontram no leito do rio. Eles brincaram na água, fizeram um churrasco e passaram uma tarde muito divertida em meio à natureza.

Acesse o Portal
Municipal de Turismo
de Campo Belo do Sul



O próximo destino foi **Cerro Negro**, uma cidade com um nome bem curioso, porque tem montes cobertos de pinheiros que parecem fazer sombras escuras de longe. Se você gosta de passeios pelo

interior, como visitar as plantações de pitaya ou se divertir pescando em um pesque-pague, Cerro Negro é o lugar perfeito.

Eles visitaram os artesãos na comunidade quilombola, "os beneditos", que fazem laços à mão, mantendo a tradição que passa de geração em geração. O laço é feito de couro,



Pitaya conquistou espaço na região
como fruta do futuro



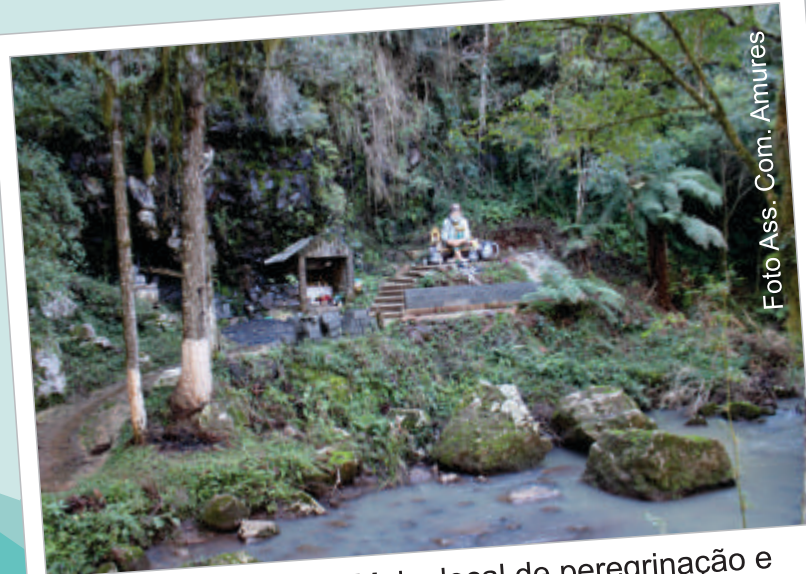
Igreja Centenária do Tanque é uma das mais preservadas

inicialmente usado para a prática das lidas campeiras com o gado, e só depois é que virou uma prática esportiva em rodeios e tiros de laço.

A cidade guarda tesouros naturais, como a Gruta Nove de Maio. Reza a lenda que o profeta São João Maria abençoou o local e desde então a nascente passou a ser milagrosa.

Em Cerro Negro, ainda tem o Morro da Santa Cruz, um lugar sagrado e com uma vista sensacional da região. Conta-se que o profeta São João Maria passou por lá e, hoje, o lugar é um ponto de peregrinação

— E para encerrar nosso passeio em Cerro Negro, precisamos visitar a Igreja do Tanque e a Cachoeira. — Disse o avô com entusiasmo. — Essa igreja centenária, construída em 1924, guarda 100 anos de fé e tradição, e o mais



Gruta Nove de Maio, local de peregrinação e devoção religiosa

Acesse o Portal
Municipal de Turismo
de Cerro Negro



incrível é que a Cachoeira do Tanque fica a poucos passos dali. O acesso é super fácil, praticamente ao lado da igreja, então, não precisamos nos preocupar com longas caminhadas. É só seguir o caminho e, em poucos minutos, vamos ficar diante de uma das paisagens mais bonitas da região.

Quando finalmente chegaram a **Anita Garibaldi**, os meninos já sabiam que a aventura estava terminando.

— Vocês sabiam que Anita Garibaldi foi uma das mulheres mais corajosas da história? — Perguntou ele — Ela é conhecida como a “Heroína de Dois Mundos” porque lutou tanto aqui no Brasil quanto na Itália, ao lado de seu marido Giuseppe Garibaldi.

Téo e Catarina estavam fascinados. Seu Prudente continuou:



Imagem de Anita Garibaldi, guerreira e conquistadora

Foto: www.portalc3.net



Monumento é uma homenagem à Guerreira dos Dois Mundos

Foto Ass. Com. Amures

— Ela nasceu em Santa Catarina e se destacou por sua bravura nas batalhas, enfrentando o perigo de frente. Anita não foi apenas uma grande guerreira, mas também uma mulher que quebrou muitas barreiras para a época, por isso a cidade leva o nome dela, em homenagem a tudo que representou.

Caminhando pela cidade, eles chegaram ao monumento que homenageia a corajosa Anita Garibaldi com sua espada na mão, bramindo o grito de guerra, erguendo bem alto a tocha da liberdade, que com seu gesto ativo assombrou o mundo e seu nome entrou para a história.

Em seguida, foram visitar o Centro Histórico Cultural Bradamante Salmória, anteriormente uma igreja da comunidade de Santa Ana, onde objetos indígenas, fotos antigas e lembranças dos primeiros habitantes da região mostram como a história é preservada. Seu Prudente explicou a importância de manter vivas essas memórias:



Foto Ass. Com. Amures

Centro Histórico Cultural Bradamante Salmória

— Cada peça que vemos aqui nos lembra de como nossa cultura é rica e como as gerações anteriores trabalharam duro para construir o que temos hoje.

Após o passeio cultural, Seu Prudente os guiou até a Gruta Nossa Senhora de Lourdes, onde aproveitaram para explorar a trilha ecológica ao longo do caminho.

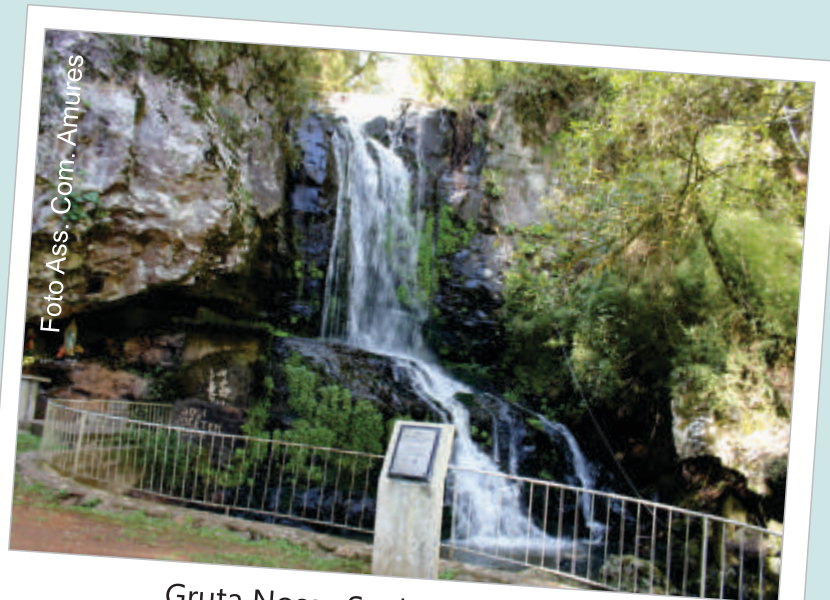


Foto Ass. Com. Amures

Gruta Nossa Senhora de Lourdes



Foto Ass. Com. Amures

Lago artificial da Usina Hidrelétrica de Barra Grande

Por fim, o último destino foi a Usina Hidrelétrica Barra Grande, um complexo construído no leito do Rio Pelotas, uma das maiores atrações da cidade, conhecida como a Capital Catarinense dos Lagos. Ali, eles puderam ver de perto a grandiosidade do lago e aproveitar um passeio de barco, enquanto Seu Prudente falava sobre a importância da preservação ambiental.

Acesse o Portal
Municipal de Turismo
de Anita Garibaldi





Virado de Feijão, conquistou se incorporou à gastronomia

O dia terminou na casa do avô com um jantar campeiro preparado por ele como despedida. A mesa estava cheia de pratos tradicionais, como entrevero, virado de feijão, bolo frito, linguiça campeira, cuscuz e galinha caipira. Durante o jantar, ele contou uma história da sua infância:

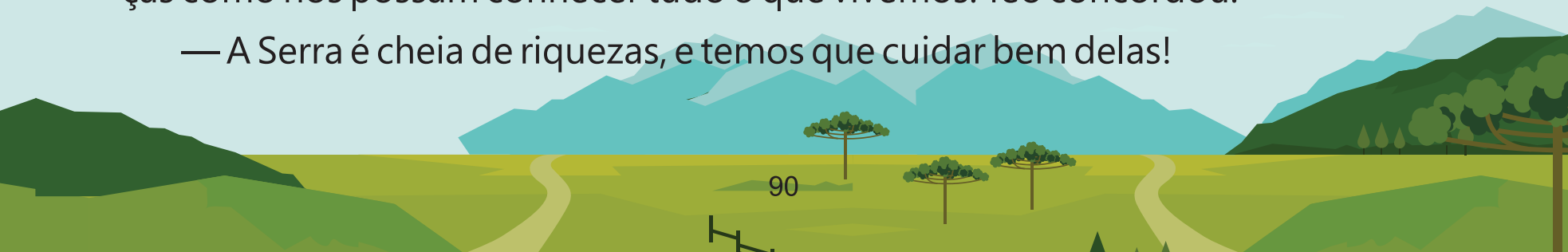
— Minha avó fazia o virado de feijão para o meu avô, que era tropeiro. Ele precisava de

muita energia nas longas viagens que fazia no lombo das mulas. Ela usava feijão, banha de porco, cebola, alho, cebolinha, salsinha, torresmo e farinha de milho. Esse prato era forte e delicioso, perfeito para quem tinha um dia duro pela frente!

Enquanto comiam, Téó e Catarina refletiam sobre todas as aventuras e aprendizados das últimas semanas.

— Sabe, vô — disse Catarina — aprendemos muito nessas férias, temos que cuidar da natureza e preservar a cultura e a história. Isso garante que mais crianças como nós possam conhecer tudo o que vivemos. Téó concordou:

— A Serra é cheia de riquezas, e temos que cuidar bem delas!



Com um sorriso satisfeito, Seu Prudente respondeu:

— É isso mesmo, meus queridos. Nossa cultura e nossa história são os maiores legados que podemos deixar para o futuro. E, agora, vocês fazem parte dessa história também.



ATIVIDADES

Atividade 1: CAÇA-PALAVRAS: DESCUBRA A SERRA CATARINENSE

Instruções: Cace as palavras na sopa de letras, relacionadas às tradições, cultura e natureza da Serra Catarinense. Marque as palavras à medida que as encontrar. Pode ser na horizontal, vertical ou diagonal.

Palavras a encontrar:

VINHEDOS

TROPEIROS

PORONGO

PINHÃO

CACHOEIRA

IGREJA

VIME

SUSTENTABILIDADE

MATE

SERRANO

SAPECADA

S	C	A	C	H	O	E	I	R	A	P	R	T
A	V	I	N	H	E	D	O	S	Q	I	G	Q
P	R	T	V	I	M	E	P	J	S	N	T	W
E	O	O	N	T	E	C	R	I	S	T	W	S
C	R	N	T	S	E	R	R	A	N	O	D	X
A	O	E	I	J	G	S	U	S	T	R	B	C
D	P	N	O	I	N	P	O	A	O	E	O	D
A	P	O	T	A	R	O	M	A	I	P	N	E
C	I	A	S	S	M	A	E	A	N	I	G	R
A	N	T	O	N	O	P	L	I	H	T	T	F
R	R	E	G	I	G	U	R	E	S	Y	X	V
O	T	O	S	C	A	R	I	L	P	A	S	B
P	O	R	O	N	G	O	M	I	R	A	Q	T
S	U	S	T	E	N	T	A	B	I	L	D	E

Atividade 2: COMPLETE A FRASE

Neste jogo, você precisa completar frases relacionadas aos locais e histórias que aprenderam durante a leitura da cartilha:

1. A Igreja Matriz de São Joaquim foi construída com _____.
2. O porongo é usado para fazer a _____ do chimarrão.
3. Os tropeiros preparavam o café tropeiro com _____ e _____.
4. A sapecada de pinhão é feita amontoando as _____ dos pinheiros e colocando os pinhões no fogo.
5. O Monge João Maria ficou conhecido por espalhar _____ na região da Serra Catarinense.
6. A cidade de São Joaquim é famosa pelos seus vinhedos de altitude e pela produção de _____.
7. Na Mostra do Campo, em Bocaina do Sul, os artesãos expõem produtos feitos de _____.
8. A Festa de São Pedro em São José do Cerrito é conhecida pelas novenas, cavalgada, _____ e _____.
9. Os quatis são animais silvestres que vivem em bandos e se alimentam de _____ e _____.
10. O rio _____ e o rio _____ cruzam a região da Coxilha Rica.

Resposta Correta:

1. A Igreja Matriz de São Joaquim foi construída com **pedra basalto**.
2. O porongo é usado para fazer a **cuia** do chimarrão.
3. Os tropeiros preparavam o café tropeiro com **água e brasa**.
4. A sapecada de pinhão é feita amontoando as **grimpas** dos pinheiros e colocando os pinhões no fogo.
5. O Monge João Maria ficou conhecido por espalhar **cruzes** na região da Serra Catarinense.
6. A cidade de São Joaquim é famosa pelos seus vinhedos de altitude e pela produção de **vinhos**.
7. Na Mostra do Campo, em Bocaina do Sul, os artesãos expõem produtos feitos de **vime**.
8. A Festa de São Pedro em São José do Cerrito é conhecida pelas novenas, cavalgada, **quermesses e pastelaço**.
9. Os quatis são animais silvestres que vivem em bandos e se alimentam de **frutos e pequenos animais**.
10. O rio **Pelotas** e o rio **Pelotinhas** cruzam a região da Coxilha Rica.

Atividade 3: JOGO DA MEMÓRIA

Jogo de cartas em que você deve associar imagens com suas respectivas cidades e tradições.

- | | |
|--|--|
| 1. Campo dos Padres – Bom Retiro | 8. Artesanato de Vime - Bocaina do Sul e Rio Rufino. |
| 2. Cachoeira do Tanque – Cerro Negro | 9. Festa de São Pedro – São José do Cerrito |
| 3. Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio – Campo Belo do Sul | 10. Gruta Nossa Senhora de Lourdes – Anita Garibaldi |
| 4. Praia – Campo Belo do Sul | 11. Caminho da Estrada da Serra do Rio do Rastro – Bom Jardim da Serra |
| 5. Vinícola de Altitude – São Joaquim | 12. Lago Barra Grande – Anita Garibaldi |
| 6. Morro da Santa Cruz – São José do Cerrito | 13. Centro Histórico Cultural Bradamante Salmória – Anita Garibaldi |
| 7. Sapecada de Pinhão – São José do Cerrito | |

Desfile com
cavaleiros e
bandeiras na
cavalgada.

()

Lago com
barcos e turis-
tas aproveitan-
do passeios de
barco.

()

Cruz no topo
do morro com
vista das mon-
tanhas.

()

Vista panorâmi-
ca das
montanhas e
do campo
verde.

()

Pinhões sendo
assados em
meio às grim-
pas.

()

Queda d'água
cristalina
cercada por
vegetação.

()

Entrada da
gruta com
estátua da
santa.

()

Trecho do rio,
com áreas para
churrasco e
lazer familiar.

()

Estrada serpen-
teando as
montanhas
vistas de cima.

()

Igreja feita de
grandes pedras
com pinheiro
vivo no interior.

()

Videiras com
montanhas ao
fundo.

()

Objetos indíge-
nas e fotos
antigas em
exposição.

()

Cestos e cadei-
ras de vime,
feitos à mão.

()

Atividade 4: DESENHO DA AVENTURA

Desenho a parte favorita da aventura de Teodoro, Catarina e Seu Prudente. Escolha entre passeios, paisagens, igrejas ou momentos como a sapecada do pinhão ou a visita dos quatis.



Atividade 5: MONTE UM ROTEIRO TURÍSTICO

Desafio para montar um roteiro fictício pelas cidades da Serra Catarinense. Escolha três cidades e planeje o que faria em cada uma, reforçando o que aprendeu sobre cada lugar e criando uma conexão pessoal com os destinos.



Sugestão para o Professor:

Atividade 6: CAÇA AO TESOIRO DAS TRADIÇÕES

Uma atividade ao ar livre em que as crianças recebem pistas relacionadas às tradições de cada cidade e precisam encontrar objetos simbólicos escondidos, como uma cuia de chimarrão (Otacílio Costa), um laço de couro (Cerro Negro), e uma maçã (São Joaquim).

Atividade 7: SUGESTÕES DE PASSEIOS E ATIVIDADES PRÁTICAS NA REGIÃO

- Visitar um pomar e experimentar a colheita da maçã em São Joaquim.
- Fazer um passeio em Urubici para conhecer a Pedra Furada.
- Observar pássaros em Urupema.
- Explorar os muros de taipas ao longo da Serra e entender sua história.

AGRADECIMENTOS

A construção desta cartilha foi possível graças ao trabalho colaborativo de muitas mãos. Agradecemos a todos que contribuíram com conhecimento, criatividade e dedicação para tornar este material uma realidade.

Nosso reconhecimento vai para os profissionais da educação, pesquisadores, ilustradores e designers que ajudaram a dar vida a este conteúdo, bem como às instituições e comunidades que compartilharam suas histórias e saberes.

Também estendemos nossa gratidão aos parceiros e apoiadores que incentivam a valorização da cultura, do turismo e da sustentabilidade na Serra Catarinense.

A todos que, direta ou indiretamente, participaram deste projeto, nosso muito obrigado!

